



**Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras**

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do  
Ensino Básico**

**Histórias, imaginação e envolvimento: uma tríade  
vvida no jardim-de-infância**

**Diana Cristina Caetano Silva**

**Orientadora:**

**Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Alexandra Bettencourt Leal**

Felgueiras

2015



**Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras**

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do  
Ensino Básico**

**Histórias, imaginação e envolvimento: uma tríade  
vívida no jardim-de-infância**

Relatório Final apresentado ao Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Leal, Professora Adjunta de Mestrado do Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras.

“Se se quiser falar ao coração dos homens, há que se contar uma história. Dessas onde não faltem animais, ou deuses e muita fantasia. Porque é assim suave e docemente que se despertam consciência”.

(Jean de La Fontaine, século XVII )

## **Agradecimentos**

Ao grupo de crianças que tornou possível esta investigação.

À minha orientadora Dr.<sup>a</sup> Rita Leal pela sua grande disponibilidade, pela partilha do seu conhecimento científico e pela persistência.

À educadora cooperante que sempre me apoiou nesta investigação.

A todos os professores de mestrado, que contribuíram ativamente para o meu conhecimento.

Aos meus pais, que me apoiaram incondicionalmente e nunca duvidaram das minhas capacidades.

Ao meu irmão que sempre me incentivou a lutar por aquilo que mais quero.

À minha cunhada, que esteve sempre disponível, também com o seu conhecimento.

E a todos os meus amigos que nunca deixaram que desistisse e que sempre me auxiliaram nesta grande luta.

A todos vós,

Muito Obrigada!

## **Palavras-chave**

Literatura infantil, narração de histórias, estratégias, envolvimento.

## **Resumo**

A presente investigação apresenta-se como um contributo para a compreensão da importância do conto de histórias no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Pré-Escolar, especificando-se o impacto das estratégias de narração utilizadas ao longo da investigação no envolvimento das crianças durante esses momentos. Assim, e partindo da questão de investigação: *Que estratégias poderão ser mobilizadas no conto de histórias e de que forma estas potenciam o envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem*, foram planificados e implementados cinco momentos diferentes de contos de histórias, recorrendo a estratégias variadas, ao longo da prática pedagógica com o intuito de estudar o nível de envolvimento de x crianças nesses momentos através da aplicação da escala de envolvimento das crianças de Leavers (1994).

Os principais resultados obtidos parecem evidenciar que as crianças mostraram grande envolvimento em todos os momentos planeados, obtendo assim resultados satisfatórias para a nossa investigação.

Neste sentido, pode-se afirmar que a literatura infantil tem uma grande importância na sociedade atual. Deve ser vista como uma experiência lúdica mas significativa para a criança, de modo a contribuir ativamente para o seu desenvolvimento. O educador deve proporcionar momentos de leitura prazerosos para as crianças, pois é através da narração de histórias que as crianças enfrentam os seus medos e as suas angústias.

Autores como Tavares e Alarcão (1992), Coelho (2000), Albuquerque (2000), Piaget (1986), entre muitos outros (referenciados ao longo deste trabalho) evidenciam que o conto de histórias infantis é um contributo importante para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

No entanto, também consideramos que as estratégias a utilizar no conto de histórias influenciam diretamente o envolvimento das crianças, e que neste sentido, e analisando criticamente, consideramos que ainda existe muito trabalho a desenvolver para que o conto de histórias surja naturalmente em contexto jardim-de-infância.

## **Keywords**

Children's Literature, storytelling, strategies, involvement

## **Abstract**

This research is presented as a contribution to the understanding of the importance of storytelling in the development and learning of children in pre-school education, specifying the impact of narrative strategies used throughout the investigation on the involvement of children during those times. Thus, based on the research question: What strategies can be mobilized in storytelling and how these enhance the involvement of children in their learning process, were planned and implemented five different moments of stories tales, using a variety of strategies along the pedagogical practice in order to study the level of involvement of children in these times x by applying the scale involvement of children Leavers (1994).

The main results seem to prove that the children showed great involvement in all planned moments, obtaining satisfactory results for our research.

In this sense, it can be stated that children's literature is very important in today's society. Should be seen as a playful but meaningful experience for the child, to actively contribute to its development. The educator must provide pleasurable moments reading to children, it is through storytelling that children face their fears and their anxieties.

Authors like Tavares and Alarcão (1992), Rabbit (2000), Albuquerque (2000), Piaget (1986), among many others (referred to throughout this paper) show that the tale of children's stories is an important contribution to the development and learning the child.

However, we also consider that the strategies to be used in storytelling directly influence the involvement of children, and that in this sense, and analyzing critically, we believe that there is still much work to be done so that the storytelling arises naturally in context garden- for children.

## Índice Geral

Resumo .....	v
Índice de Quadros .....	ix
Índice de Figuras.....	ix
Introdução .....	10
1. Enquadramento da área temática.....	12
1.1. Literatura Infantil: do conceito à sua importância .....	12
1.1.1. Géneros literários e modos de leitura.....	16
1.1.2. A Importância dos contos de fada.....	18
1.2. Contributo da Literatura infantil para o desenvolvimento da criança e o papel do educador.....	20
1.2.1. Fases de Desenvolvimento cognitivo.....	21
1.3. A dimensão lúdica e pedagógica das histórias/contos nas diferentes áreas e respetivos domínios da Educação Pré-Escolar .....	26
1.3.1. Área de Formação Pessoal e Social .....	27
1.3.2. Área de Expressão e Comunicação.....	27
1.3.3. Área do Conhecimento do Mundo .....	28
1.4. Estratégias para a leitura/narração das histórias.....	29
1.5. As tecnologias de informação e comunicação na Educação Pré-Escolar.....	33
2. Opções Metodológicas .....	35
2.1. Fundamentação das opções metodológicas.....	35
2.2. Questão e objetivos de investigação.....	36
2.3. Caracterização do contexto educativo.....	36
2.4. Caracterização dos sujeitos de investigação.....	37

2.5.	Procedimentos e técnicas de recolha de dados.....	37
2.5.1.	Observação participante.....	38
2.5.1.1.	Notas de campo.....	39
2.5.1.2.	Registos Fotográficos.....	39
2.5.2.	Análise documental.....	40
2.6.	Tratamento da informação recolhida.....	40
3.	Apresentação e análise dos resultados obtidos.....	43
3.1.	Descrição das propostas educativas implementadas.....	43
3.1.1.	1ª Atividade - Apresentação da história: A lenda de S. Martinho .	44
3.1.2.	2ª Atividade - Apresentação da História: O rei “Com Tudo” .....	47
3.1.3.	3ª Atividade: Apresentação do vídeo - A Branca de Neve e os Sete anões.....	51
3.1.4.	4ª Atividade Apresentação do vídeo: O Capuchinho Vermelho....	53
3.1.5.	5ª Atividade Apresentação do PowerPoint: Maria Castanha e Manuel Castanho.....	55
3.2.	Reflexão sobre as estratégias implementadas.....	58
	Conclusão.....	61
	Referências Bibliográficas.....	64
	Apêndices.....	68

## Índice de Siglas

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

NEE – Necessidades Educativas Especiais

EEC – Escala de Envolvimento da Criança

## Índice de Quadros

Quadro 1 - Indicadores e níveis de envolvimento da Escala de Envolvimento da Criança (Bertram & Pascal, 2009)-----	41
--	----

## Índice de Figuras

Figura 1 – PowerPoint: A lenda de S. Martinho _____	44
Figura 2 - Resultados obtidos durante o conto da Lenda de S. Martinho_____	45
Figura 3 – Crianças a desenharam _____	46
Figura 4 – Uma das produções das crianças_____	46
Figura 5 – Livro: 100 Histórias de (eu)cantar _____	47
Figura 6 – Resultados obtidos durante o conto da história: O Rei com Tudo _____	48
Figura 7 – Exploração do livro_____	50
Figura 8 – Narração da história: O rei “Com tudo” _____	50
Figura 9 – Exploração dos materiais _____	50
Figura 10 – Construção do rei tridimensional _____	50
Figura 11 - Vídeo: Branca de Neve e os 7 anões _____	51
Figura 12 - Resultados obtidos durante a visualização do vídeo: A Branca de Neve e os 7 anões _____	51
Figura 13 – Visualização do Vídeo: O Capuchinho Vermelho _____	53
Figura 14 - Resultados obtidos durante a visualização do Vídeo: Capuchinho Vermelho _____	53
Figura 15 - Grupo a visualizar a história _____	54
Figura 16 – PowerPoint com a história: Maria Castanha e Manuel Castanho _____	55
Figura 17 - Resultados obtidos durante a visualização do PowerPoint: Maria Castanha e Manuel Castanho _____	56
Figura 18 – Visualização da História _____	57
Figura 19 – Iniciação do painel da amizade _____	57
Figura 20 - Grupo a desenhar _____	57
Figura 21 - Grupo a pintar _____	57

## Introdução

O presente relatório integra-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, do Instituto Superior de Ciências Educativas de Felgueiras, tendo sido o estudo empírico desenvolvido a partir do contexto da Prática de Ensino Supervisionada - Prática Pedagógica III.

O educador tem um papel crucial no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, contribuindo, significativamente, para que ambos os processos (desenvolvimento e aprendizagem) ocorram da melhor forma possível. Isto só é viável se o educador conhecer e compreender as características do grupo em que está inserido desenvolvendo o seu trabalho numa perspetiva de adequar o processo educativo às suas necessidades formativas (Silva, 1997). Desta forma, ao proporcionar às crianças diversas experiências de aprendizagem, o educador deve ter em atenção os interesses das crianças, assim como procurar envolvê-las no processo de observação, reflexão e resolução de problemas, estimulando assim a procura pela descoberta de novos conhecimentos e aprendizagens, descoberta essa fundamental na Educação Pré-Escolar.

Autores como Coelho (2000), Carvalho (1982), Tavares e Alarcão (1992), Rodrigues (2010), entre outros que evidenciam que as histórias infantis são excelentes instrumentos pedagógicos que permitem ampliar e diversificar o conhecimento da criança. Tal como afirma Rigolet (2009), *“o conto é um valioso instrumento pedagógico, um precioso meio educativo, uma contribuição essencial ao desenvolvimento harmonioso de qualquer ser humano”* (p. 179). Através das histórias ou dos chamados contos infantis, o educador está a promover o desenvolvimento da linguagem e a aquisição de vocabulário, assim como o desenvolvimento dos restantes processos cognitivos da criança. Mas a par deste desenvolvimento acontece outro não menos importante ao nível do sonho, da imaginação, da fantasia e da criatividade.

Partindo desta ideia, a presente investigação tem como principal objetivo compreender a importância da diversificação das estratégias a utilizar durante o conto de histórias e de que forma estas potenciam o envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem.

Assim sendo, e tendo por base a observação participante como ponto inicial da nossa investigação, começamos por analisar detalhadamente as experiências educativas propostas pela educadora cooperante no que se refere ao conto de histórias. Através dessa análise rapidamente compreendemos que era nos momentos em que surgia uma

história que a atenção do grupo era captada na totalidade. Vários foram os momentos em que pudemos analisar que o grupo evidenciava envolvido na história. E é justamente a partir daqui que começaram a surgir as primeiras questões: quando é que o grupo, em particular quatro crianças, está envolvido em determinada atividade? Que dados devem ser recolhidos, e como, que nos permitam dar resposta a esta questão ajudando-nos na nossa prática na seleção das estratégias a adotar? E qual a melhor forma para contar uma história envolvendo as crianças? Será que a forma como apresentamos uma história condiciona o envolvimento da criança? Todas as questões foram surgindo a partir da prática, e maior ainda revelou-se a nossa curiosidade e vontade de procurar respostas, centrando-se a nossa investigação numa questão central: Que estratégias poderão ser mobilizadas no conto de histórias e de que forma estas potenciam o envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem?

Para obter algumas dessas respostas, e ainda na perspetiva de se definir a investigação a desenvolver, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica sobre os temas abordados de modo a melhor poder compreendê-los. É nesse seguimento que surge o nosso segundo capítulo, antecedido por esta introdução, que visa apresentar as principais ideias sobre a literatura infantil, assim como o seu contributo para o desenvolvimento da criança e outras temáticas que se relevaram pertinentes de serem abordadas.

Seguidamente é apresentado o terceiro capítulo que nos remete para as opções metodológicas adotadas ao longo da investigação, para a questão e os objetivos de investigação e ainda para os procedimentos e técnicas de recolha de dados selecionados. Posteriormente procederemos à apresentação e análise dos resultados obtidos e em seguida apresentamos as principais conclusões da presente investigação, onde procuramos dar resposta à nossa questão de investigação e aos objetivos que foram propostos.

## 1. Enquadramento da área temática

### 1.1. Literatura Infantil: do conceito à sua importância

A palavra *literatura* provém do latim “*litterae*” que significa “letra”, que também pode querer dizer “escritos, cartas”, ou seja significa um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, relacionados com as artes da gramática, da retórica e da poética (Barbosa, 2009).

A literatura infanto-juvenil, conhecida também como literatura infantil é uma vertente da literatura direcionada às crianças e aos jovens. De acordo com a Moderna Enciclopédia Universal, citado por Tavares (2010, p.8) a literatura infantil é *a que é especialmente escrita ou que se considera especialmente adequada para crianças e jovens*. Esta definição assenta na ideia de uma produção literária com a intenção de servir a um público em particular, neste caso às crianças. Este tipo de literatura tem como origem sobretudo os contos de fadas. Estes são, muitas vezes, suscitados na tradição oral e em crenças populares. Entende-se que a literatura infantil pode levar à transmissão de sentidos, contribuindo para o processo de socialização da criança, onde o adulto deve assumir o papel de criador, mediador, transmissor de ideias e de valores. Deste modo, a literatura infantil será um bom estímulo no desenvolvimento da criança. (Coelho, 2002)

No entanto, é de ressaltar que o conceito de literatura não é uniforme, sendo ainda um tema discutido e debatido por muitos autores. À parte disso, todos corroboram que a literatura infantil teve como pioneiros autores como: Charles Perrault, Fenélon, Os Irmãos Grimm e Hans Cristian Andersen, entre muitos outros autores. (Santos, 2009).

As primeiras obras para crianças foram publicadas em meados do século XVIII na Europa, sendo que no século XVII foram escritos alguns textos sobre contos de fada que foram, posteriormente adaptados, sendo considerados como pioneiros na literatura infantil. Tal como nos apresenta Carvalho (1982):

”A Literatura Infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança”. (Carvalho, 1982, p.77)

Segundo a autora, Charles Perrault retratava, nas suas histórias, a sociedade da sua época sendo que era influenciado pelo folclore, que naquele tempo foi considerado elemento essencial para a literatura infantil. De entre várias obras, destacamos algumas que são de conhecimento de todos nós, como *Chapeuzinho Vermelho*; *A Bela Adormecida*; *Cinderela*; *O gato de Botas* e o *Pequeno Polegar* que são apenas alguns dos exemplos de literatura infantil criada por Perrault. Além de Charles Perrault, outros autores também escreveram literatura para crianças, no entanto algumas dessas obras tinham como único objetivo o de instruir e educar os seus leitores, transmitindo apenas valores de carácter educacional, como o caso das obras de Fenélon, surgidas também nesta época. (Santos, 2009)

Era necessária a existência de uma percepção lúdica da leitura, a fim de contribuir para o desenvolvimento da criança. Era fulcral que se criasse uma distinção entre o adulto e a criança, assim como entre a literatura para o adulto da literatura para a criança. Durante muitos anos as crianças foram olhadas como adultos em ponto pequeno, sendo que não denotavam a necessidade de se distinguir a literatura entre elas e os adultos. Deste modo, e tal como afirma Zilberman (1987)

“Todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio da Idade Moderna. Esta mudança se deu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, estimulando assim, o afeto entre seus membros.” Zilberman (1987, p.13)

Foi exatamente com esta mudança de modelo familiar que a criança passou a ser vista como criança que era e a usufruir de um tipo específico de literatura desenvolvido a pensar nela. Sendo este um passo importantíssimo para a sociedade, em que surge um novo modelo familiar diferenciado promovendo assim, mudanças significativas no relacionamento entre criança-adulto. No entanto, logo se percebeu um outro problema da sociedade atual, em que este modelo apenas se adaptava às crianças das classes sociais mais altas, como a nobreza, onde as crianças do povo de classe inferior não tinham acesso à escrita e à leitura. (Santos, 2009)

É então em meados do século XIX, considerado um século de progresso na pedagogia, que a infância é vista como uma etapa na construção do indivíduo, contribuindo ativamente para o seu desenvolvimento. É nesta altura que surgem os Irmãos Grimm Luís Jacob e Guilherme Carlos Grimm, que trazem um novo estilo para a literatura infantil onde utilizavam a simplicidade e as personagens populares para

escrever os seus contos, tal como nos afirma Carvalho (1982, p.104), *e são os irmãos Grimm que, animados pelo espírito romântico, vão buscar as suas estórias, “vivas”, na pureza e na simplicidade das fontes folclóricas, e revalorizar os contos maravilhosos, com a mesma dimensão que alcançaram no século XVII.* Foi então com os Irmãos Grimm que surgiu uma literatura capaz de encantar e cativar o público infantil de todo o mundo através de lendas e do folclore, não fazendo distinções entre classes sociais. Estes utilizavam nos seus contos personagens populares como alfaiates, camponeses e especialmente personagens mágicas como anões. Ainda hoje temos o conhecimento de muitas das suas obras emblemáticas, como “*A Gata Borralheira*”; “*Branca de Neve*”, “*Os Músicos de Bremen*”, “*João e Maria*”, entre outros que nos transportam para a nossa própria infância. (Santos, 2009)

A literatura infantil, ou infanto-juvenil não deixou de dar frutos às crianças. Foi então em meados do século XIX, na Dinamarca, que surge um grande contributo para a literatura infantil, o autor Hans Cristian Andersen. Considerado por muitos, o maior poeta da literatura para crianças, onde utilizava nos seus textos, um movimento, uma sensação de vida, transmitindo também vida a todos os seres, animando os objetos mais simples e inanimados, onde também servia-se de uma linguagem deslumbrante e cativante para as crianças. (Santos, 2009)

Após todo esse percurso, a literatura infantil assume um papel e é compreendida como uma linguagem específica, que foi sendo construída e adaptada ao longo dos anos. Tal como afirma Coelho (2000) a literatura:

“É uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse «modo» é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...)” (Coelho, 2000, pp. 27-28).

Deste modo, várias foram as formas de escrever literatura para crianças ao longo dos séculos.

Assim sendo, não podemos apresentar uma definição de conceito de literatura, pois como já podemos constatar, essa mesma literatura foi sofrendo alterações ao longo dos anos. No entanto, Juan Cervera (1992), na sua *Teoria de la Literatura Infantil* apresentou uma definição de literatura infantil, que continua a ser uma das mais

precisas, define a literatura como “*toda a produção que tem como veículo a palavra com um toque artístico ou criativo e como destinatário extratextual as crianças*” (Cervera, 1992, p.11).

No entanto, a literatura infantil assume características próprias no que se refere à sua forma assim como ao seu conteúdo. Tal como nos apresenta Rodrigues (2010, p.19), o texto que é escrito a pensar nas crianças, deve antes de mais ser de dimensão reduzida; deve também ser rico em diálogos; o (s) protagonista (s) deve ser jovem de modo a que a criança se identifique com ele (s); a história deve ser simples e de fácil compreensão; a linguagem deve de ir ao encontro das competências linguísticas da criança, no entanto deve também possibilitar a aquisição de novos vocábulos; deve integrar duas componentes de significação para a criança, ou seja a fantasia e a magia e deve revestir-se de otimismo assim como respeitar algumas fórmulas convencionais que se referem ao espaço e ao tempo (como por exemplo: *Era uma vez....Há muitos muitos anos, num país distante...*). São estas as expressões que permitem que a criança viaje, que a criança usufruía do poder da magia e do seu imaginário, transportando-se para outro mundo, onde tudo é possível. Pois tal como também nos evidencia Silva (2014), relativamente a quem conta a história:

“ O contador de histórias deve proporcionar um ambiente cativante, deve promover e dinamizar estes momentos, utilizando diversas estratégias e recursos, reinventando formas de dinamizar os contos tradicionais de forma a prender a atenção e transportar as crianças para o mundo da fantasia.” (Silva, 2014, p.34)

Um outro aspeto não menos relevante prende-se com as relações entre criança/adulto. Perafita (2002, citado por Rodrigues, 2010, p. 20) refere que o adulto deve conduzir a criança até ao contexto fantasioso, permitindo-lhe desenvolver os seus propósitos fundamentais, tais como: a aquisição e potenciação de esquemas mentais; aquisição e cultivo da linguagem: aquisição e implementação de experiências estéticas e éticas.

Como podemos constatar, a literatura infantil é, e deve ser, produzida a pensar na criança e para a criança. No entanto esta é feita por adultos, e não deve ser vista como algo menor, ao contrário dos séculos passados. Atualmente, trabalhos na área da psicanálise, da sociologia e pedagogia têm evidenciado que a literatura para crianças tem um propósito específico e que a sua função primordial passa pelo desenvolvimento

mental da criança e que deve ser colocada ao alcance e interesse da criança. (Rodrigues, 2010, p. 20)

Também alguns autores, segundo Ferreira (2013) defendem que o educador/professor deve ter em atenção os interesses e gostos das crianças, obviamente que é um fator importante, mas não é o único a ter em conta quando se fala da literariedade dos textos. A criança pode até apresentar um gosto especial por determinado tipo de obra, que não seja considerada literatura infantil, no entanto cabe ao educador/professor oferecer à criança outras experiências que lhe permitam alargar o seu conhecimento de modo a desenvolver a sua sensibilidade estética aprimorando assim o seu gosto pessoal. Tal como afirma Mesquita (1999, p.3), a finalidade da literatura deve *promover na criança o gosto pela beleza da palavra, o deleite pela criação de mundos de ficção*. Deste modo a literatura infantil influencia a criança, contribuindo para a formação do pensamento pela representação do real, através do imaginário, pois tal como nos afirma, novamente Mesquita (1999):

“A literatura procura pôr perante os olhos da criança alguns fragmentos de vida, do mundo, da sociedade, do ambiente imediato ou longínquo, da realidade exequível ou inalcançável, mediante um sistema de representações, quase sempre com uma chamada à fantasia.” (Mesquita, 1999, p.3)

### **1.1.1. Géneros literários e modos de leitura**

Além de todos estes aspetos históricos referidos anteriormente, e que são de extrema importância, também devemos ter em atenção que o conceito de literatura abarca um conjunto diversificado de géneros literários, ou seja, podemos deparar com a literatura infantil sob a forma de poema, de conto, de teatro, entre outras modalidades. Um outro aspeto relevante a considerar na literatura infantil é a oralidade, pois grande parte deste tipo de literatura vai até às crianças através da fala, de contadores de histórias, que podem ser os familiares bem como outros intervenientes da sociedade. (Tavares 2010)

Deste modo, podemos então encontrar na literatura infantil os chamados contos tradicionais, os contos de fada ou histórias de encantar, as fábulas e também as produções literárias contemporâneas. (Tavares, 2010)

Quanto aos contos tradicionais, estes são transmitidos, maioritariamente pela oralidade, tal como afirmam Reis e Lopes (1990, p.76), o conto *enraíza-se em ancestrais tradições culturais que faziam do ritual do relato um factor de sedução e de aglutinação comunitária (...) que não raro tinham, para além de função lúdica, uma*

*função moralizante*. Estas histórias tinham como objetivo educar e satisfaz as necessidades lúdicas da criança promovendo a sua socialização. Estas narrativas também servem como veículo transmissor de conhecimentos, pois através delas as crianças são levadas a refletir e a questionar-se sobre os problemas com que se deparam diariamente. O conto tradicional utiliza uma linguagem simbólica que estimula a imaginação da criança e lhe possibilita a aquisição de experiências que serão úteis no seu contacto com a realidade. Através do conto, a criança poderá utilizar todos os meios de que dispõem através da sua imaginação em comparação com a sua realidade, para a resolução de conflitos interiores, tal como nos afirma Traça (1992, p.33), *os contos, sobretudo os de fadas, estão na moda, um pouco por todo o lado. Há sinais inequívocos da sua vitalidade*.

No que se refere aos contos de fada, estes caracterizam-se pela presença do elemento “fada”. Estas personagens são imaginadas, sempre no feminino, como símbolo de grande beleza e possuidoras de poderes sobrenaturais. Regra geral são fadas boas, que procuram ajudar os seres humanos em situações de dificuldade. No entanto, também existem as fadas más, as chamadas bruxas, que dificultam a vida das pessoas procurando-lhes fazer mal. Esta representação de bruxa é o oposto da fada, é velha, uma mulher feia e sobretudo muito má. Os contos de fada procuram representar um pouco a vida real, demonstrando situações de obstáculos, de superação e de amor (em que há sempre um príncipe e uma princesa). Há contos de fada que se tornaram universais, que são como uma espécie de património da literatura infantil, como por exemplo a Branca de Neve e os Sete Anões, o Capuchinho Vermelho, a Cinderela, entre muitos outros. (Tavares, 2010).

Um outro género diferenciado de literatura infantil são as fábulas. Neste tipo de narrativas as personagens são animais que falam. Estes animais assumem o comportamento dos humanos, ou sejam além da fala, detêm de atitudes que as crianças facilmente identificam na vida real. As fábulas têm como característica singular o facto de terem sempre uma moral da história, podendo ou não vir especificada no final da história. O objetivo é o de transmitir essa mesma moral às crianças, levando-as a transportar esse conhecimento para a vida real, sobre situações com que se deparam no dia-a-dia. Há personagens que assumem um papel predominante, por exemplo, nos contos de fadas existe sempre uma fada boa, é uma personagem que faz parte dos típicos contos de fadas. O mesmo acontece com as fábulas, onde as personagens surgem como animais e assumem características próprias e exclusivas, como por exemplo a

Raposa que é manhosa, o coelho que é esperto, a felicidade do cão, entre muitos outros animais que assumem características próprias e únicas que são respeitadas em qualquer fábula. Várias são as obras que têm vindo a ser reeditadas permitindo que as crianças de hoje conheçam fábulas escritas já há muito tempo atrás, como por exemplo *A Raposa e o Corvo* ou *A Cigarra e a Formiga*, entre muitos outros exemplos que transmitem uma moral importantíssima para as crianças (Tavares, 2010).

Temos também a literatura infantil representada através do teatro que retrata as vivências infantis em que o centro da história realça a importância de uma índole generosa, honesta e sincera (Rodrigues, 2010).

Além de todos estes géneros aqui referidos, a literatura infantil também detém de lendas, provérbios, lengalengas, adivinhas, anedotas entre outras produções literárias cuja origem provém das sociedades mais tradicionais, transmitidas muitas vezes apenas oralmente de geração em geração.

### **1.1.2. A Importância dos contos de fada**

Tal como temos vindo a abordar ao longo do presente trabalho, vários são os autores que evidenciam a importância do conto de histórias, para o desenvolvimento da criança, como Zilberman (1987) e Coelho (2000). No entanto, um dos grandes autores a debater este tema é Bettelheim (1980) com uma das suas obras “A Psicanálise dos contos de fadas”, na qual o autor esclarece o porquê de os contos de fadas serem tão significativos para as crianças.

Bettelheim (1980) salienta que a história deve ser interessante para a criança, deve despertar a sua curiosidade, estimular o seu imaginário, emocionar a criança assim como reconhecer as suas dificuldades ao mesmo tempo que sugere soluções para os problemas que perturbam a criança, só assim a história conseguirá captar a atenção dela.

Um ponto importante que o autor analisa na sua obra sobre os contos de fada, é que estes detêm do poder de confrontar a criança com a ambiguidade do homem, onde nem sempre tudo é bom e belo, em que há dificuldades na vida que são inevitáveis, como por exemplo a abordagem à morte como parte integrante da vida. Estas abordagens levam a que a criança compreenda o mundo em que vive e as diferenças que existem. Tal como refere Bettelheim (1980):

“A crença prevalecente nos pais é que a criança deve ser distraída do que mais a perturba: suas ansiedades amorfas e inomináveis, suas fantasias caóticas, raivosas e menos violentas. Muitos pais acreditam que só a realidade consciente ou imagens agradáveis e otimistas deveriam ser

apresentadas à criança – que ela só deveria se expor ao lado agradável das coisas”. (Bettelheim, 1980, p.17)

No entanto isso é considerado como algo impossível, não podemos fingir que o lado maldoso do homem não existe e que vivemos num mundo encantado. Assim sendo, o jeito é mostrar à criança que o mundo encantado dos contos de fadas que elas conhecem também tem pessoas ruins. É importante levar a criança a perceber a natureza do homem, assim como o bem o mal, de modo a que percebam que há coisas na vida, que são inevitáveis.

Uma outra componente dessa obra prende-se com a ênfase das personagens. A criança escolhe um determinado personagem pela sua capacidade de despertar a sua simpatia, assim como nega um determinado personagem do mesmo modo que este desperta a sua antipatia. Um personagem simples e claro é mais propício a despertar o interesse da criança, uma vez que é mais fácil para a criança se identificar com ele, tal como refere Bettelheim (1980, p.18) *“a criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição de herói lhe traz um profundo apelo positivo”*.

Também o autor defende que o conto de fadas deve ser contado ao invés de lido, de modo a envolver mais a criança, sendo que, segundo Bettelheim (1980, p.185) *“Se ele é lido, deve ser lido com um envolvimento emocional na estória e na criança, com empatia pelo que a estória pode significar para ela. Contar é preferível a ler porque permite uma maior flexibilidade”*.

A psicanálise sustenta que os significados simbólicos do conto maravilhoso, os chamados contos de fadas, estão ligados a dilemas que o homem enfrenta ao longo do seu percurso de vida. Um elemento fundamental e que deve estar presente no conto de fadas é o encantamento provocado pela ação de um ser sobrenatural, onde este intervém em auxílio do herói, mudando assim o rumo que parecia óbvio aos olhos da criança. Tal como afirma Machado (1994):

“Herói é o personagem que vive grandes aventuras e consegue vencer todos os problemas que surgem à sua volta. Por isso ele é considerado o personagem principal, cujas ações, pensamentos e sentimentos acompanhamos com maior interesse. O herói é também chamado protagonista da história. Nem sempre o herói é um personagem com qualidades positivas. Existem heróis que são atrapalhados, malandros e vivem grandes situações de embaraço, mas continuam sendo protagonistas. Estes são conhecidos como anti-heróis” (Machado, 1994, p.45)

Sendo estas situações que definem o conto de fadas, diferenciando-o assim das restantes narrativas literárias. (Ressurreição n.d.)

## **1.2. Contributo da Literatura infantil para o desenvolvimento da criança e o papel do educador**

As histórias, lidas ou contadas às crianças, permitem-lhes a entrada num mundo imaginário, num mundo da fantasia. É através desta fantasia que a criança assume a compreensão do mundo que a rodeia, sendo confrontada com situações vividas pelas personagens, medos que as personagens também têm, obstáculos que enfrentam, assim como elas próprias e tudo o que uma história pode proporcionar à criança que pode também ser comparado e transferido para a sua realidade. (Tavares, 2010)

Antigamente estas histórias eram contadas às crianças pelos avós, ou por vizinhos, eram as histórias contadas de forma oral, o tal conto tradicional oral que já abordamos anteriormente. Atualmente o contar histórias é muito mais do que isso, hoje contar histórias é possibilitar à criança um desenvolvimento de múltiplas competências, é contribuir para o seu processo de socialização e de conhecimento do mundo, é sobretudo desenvolver a formação pessoal da criança, e é aqui que deve entrar o papel ativo do educador. (Tavares, 2010)

O ato de contar/ler uma história potencia a aquisição da linguagem, socialização e conhecimento do mundo, na criança. Segundo Tavares (2010), é através das histórias que ouvem que as crianças constroem as suas perceções sobre o mundo. As histórias ajudam-nos a compreender a diferenciação entre o lugar que o ser humano ocupa e o lugar da natureza e dos animais, assim como também as ajuda na compreensão de relações de parentesco entre pai e mãe, irmãos avós e primos.

As histórias também permitem à criança um vasto alargamento dos horizontes de espaço e de tempo, como a celebre frase “*Era uma vez...*”, onde a criança é transportada para um tempo longínquo e num espaço desconhecido. Um ponto importante que deve ser tido em conta é que, ser a própria criança a recontar uma história que ouviu, faz com que desenvolva muito mais todas estas capacidades, de retenção de novos vocábulos, de noções espaciais, de representações do mundo, regras de convivência, a distinção entre o certo e o errado e todas essas noções e aprendizagens que nós, educadores, queremos-lhes transmitir com o conto de uma história. A criança

também as adquire e reforça ao ser ela própria a contar a história, quer seja a um adulto ou uma outra criança. (Tavares, 2010)

A aproximação das crianças com a leitura, através do ouvir contar histórias, com recurso ao livro por exemplo, permite à criança conquistar o gosto pela descoberta de novas histórias e por sua vez de novos conhecimentos. Este processo deve ser iniciado em casa, num meio familiar e acolhedor para a criança, transmitindo-lhe uma segurança que a fará gostar desse ambiente, e somente depois consolidado na educação pré-escolar. (Tavares, 2010)

Desta forma, podemos então analisar que a literatura infantil é muito mais que um simples contar de histórias. É proporcionar às crianças situações que a tornaram um indivíduo provido de personalidade própria assim como um membro ativo da sociedade. No entanto, estes aspetos devem ter em conta a situação de cada criança, sendo adaptados a cada realidade social e cultural, quer da criança como do adulto que com ela irá interagir. Só deste modo é possível um favorável processo educativo que deve também respeitar as fases de desenvolvimento de cada criança. (Tavares, 2010)

### **1.2.1. Fases de Desenvolvimento cognitivo**

As fases de desenvolvimento da criança são analisadas e abordadas por vários autores como Jean Piaget, Vigotsky, Erik Erickson, Freud, entre muitos outros autores que também seguiram as linhas orientadoras dos mesmos, ou até propondo novos ideais. No entanto, consideramos pertinente apenas analisar com mais pormenor a teoria de desenvolvimento de Jean Piaget em comparação com a teoria de Vigotsky.

Antes de abordar concretamente as teorias de desenvolvimento de cada um dos autores, é importante definir o conceito de desenvolvimento. Smith, Cowie & Blades (1998) apresentam o desenvolvimento como:

“O termo desenvolvimento refere-se ao processo segundo o qual uma criança, um feto ou, falando de um modo geral, um organismo (humano ou animal), cresce e se modifica ao longo do seu período de vida. Nos seres humanos as alterações mais dramáticas a nível do desenvolvimento ocorrem durante o período pré-natal e a primeira e a segunda infância”. (Smith, Cowie & Blades, 1998, p.31)

Já para Troadec & Martinot (2009, p.79), apresenta a *noção de desenvolvimento ou de génese é uma noção muito geral que designa o conjunto dos processos de transformação que afectam um organismo vivo.*

De entre as várias pesquisas bibliográficas que efetuamos sobre os estudos de Piaget, podemos constatar que o seu modelo foi muito influenciado pela teoria de Darwin. Como biólogo, define a inteligência como capacidade de adaptação, em termos biológicos. Já como epistemólogo caracteriza, em termos lógicos a sua estrutura. Deste modo, a inteligência, à semelhança da vida utiliza os mecanismos de assimilação/acomodação/equilíbrio. (Tavares & Alarcão, 1992)

Piaget constrói o seu modelo a partir de uma matriz sensório-motora que, animada num movimento de interiorização em espiral, gera as estruturas em que assentam os diferentes estádios de desenvolvimento. Segundo Tavares e Alarcão (1992)

“Todo este processo é conduzido, no nível sensório-motor, por esquemas de ação (estruturas ou espécies de «órgãos» sensórios-motores) e, no nível operatório da inteligência concreta e formal, por esquemas operatórios ou de conhecimentos (conceitos, juízos, raciocínios) que lhe permitirão toda a espécie de operações mentais, desde da mais simples às mais complexas e abstratas.” (Tavares e Alarcão, 1992, p.63)

Deste modo, torna-se possível que o sujeito, mediante o estádio em que se encontra, seja capaz de resolver um determinado número de problemas e executar um determinado número de tarefas, utilizando para isso os mecanismos de assimilação/acomodação/equilíbrio.

Segundo Marques (1999):

“O modelo construtivista de Piaget pode considerar-se da seguinte forma: na interação sujeito/objecto, ocorrem dois processos, a assimilação e a acomodação, que correspondem à função passiva e à função ativa da inteligência. Para Piaget a inteligência humana é um factor de resolução de problemas que o ambiente coloca ao sujeito e mediante a qual o sujeito trata de superar as suas dificuldades concretas (...). Segundo Piaget, na inteligência, só o seu funcionamento (estruturas funcionais) é hereditário, e os conteúdos derivam da interação do sujeito com o objecto. O indivíduo, posto em contacto com o seu ambiente e procurando adaptar-se a ele, interage com ele (através da assimilação e da acomodação), e é assim que lhe surgem os conhecimentos (criados em resposta a estímulos ambientais).” (Marques, 1999, p.34)

Tal como podemos constatar, na teoria de Piaget o ser humano passa por diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo, sendo que para o autor o desenvolvimento cognitivo, ou seja, a aprendizagem, ocorre quando o indivíduo entra em contacto com o ambiente. A seu ver, esses estádios começam desde do nascimento e

decorrem até à fase da adolescência, sendo que a sua organização e estruturação é fixa e inevitável a qualquer ser humano. Esta transição de um estágio para o outro não depende exclusivamente do indivíduo e da sua maturação, sendo que esta pode ser condicionada por contextos ambientais em que o sujeito se integre, sendo que também que a linguagem e as relações sociais assumem um papel fulcral nesse processo (Barros, 2011).

Segundo a teoria de Piaget, a aprendizagem só acontece depois da consolidação das estruturas de pensamento, ou seja, só existe um novo conhecimento depois de consolidado e superado o estágio anterior. Note-se que, para que a aprendizagem aconteça é necessário que ocorra um desequilíbrio cognitivo entre as estruturas mentais da criança, ou seja, os conceitos anteriormente assimilados por elas têm de sofrer um processo de desorganização, para que, em contacto com novos conhecimentos, se reorganizem e se reestruturem de modo a originar um novo conhecimento. Este processo designa-se de equilibração das estruturas mentais, onde o conhecimento anterior se transforma em novo conhecimento (Barros, 2011).

Piaget (1986) concebeu uma perspetiva construtivista da aprendizagem onde considera a criança como ser competente, ativa e construtora do seu próprio desenvolvimento, ou seja, uma aprendizagem por descoberta, fruto da interação do sujeito com os objetos e com o meio. Através dessa interação a criança é possibilitada a descobrir as propriedades dos objetos e a desenvolver o seu conhecimento espacial, lógico-matemático e físico.

No que se refere aos estádios de desenvolvimento apresentados por Piaget, muito haveria a analisar, mas de forma sucinta e de acordo com Tavares e Alarcão (1992), podemos referir que a teoria cognitiva defendida por Piaget divide o desenvolvimento da criança em 4 estádios: o estágio sensório motor (0 aos 2 anos); o estágio pré-operatório (2 aos 7 anos); o estágio das operações concretas (7 aos 12 anos) e o estágio das operações formais ou abstractas (a partir dos 12 anos). De acordo com esta teoria, as crianças em idade pré-escolar encontram-se no estágio pré-operatório, que se subdividem em dois períodos: o primeiro que vai dos 2 aos 4 anos, diz respeito ao período em que a criança vê os estímulos como representativos de objetos, também neste período se desenvolve a função simbólica que servirá de base para a aquisição da linguagem, que por sua vez levará a criança à aprendizagem da leitura. O segundo período vai dos 4 aos 7 anos onde predomina o pensamento intuitivo, em que a criança

deduz por percepção direta sem recorrer ao uso do raciocínio, sendo também o período onde começa a desenvolver pensamentos mais complexos.

Segundo Piaget (1986), para que exista aprendizagem a criança deve sentir prazer no que faz encarando a atividade como algo do seu interesse. A seu ver, a criança deve julgar a atividade como um jogo para que estejam cativadas e ativas de modo a realizarem aprendizagens significativas.

Vigotsky, tal como Piaget, também considerou que a interação na construção do conhecimento e desenvolvimento da criança seria um factor importante. Diferente de Piaget, Vigotsky considera que tanto a interação criança-criança como a interação criança-adulto originam conhecimento, sendo condição necessária para a aprendizagem, que um dos intervenientes se encontre num nível mais avançado de desenvolvimento, atuando assim na “zona de desenvolvimento próximo” da criança, como nos apresentam Pascal e Bertram (1999):

“O trabalho de Vigotsky demonstrou que a aprendizagem das crianças é uma atividade social que progride através da sua interação com os adultos e as outras crianças. Vigotsky afirma que a aprendizagem das crianças comporta em qualquer momento três níveis ou Zonas de Desenvolvimento:

ZDR – zona de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento real descreve a aprendizagem que a criança já concretizou.

ZDP - zona de desenvolvimento próximo. A chave para a aprendizagem efetiva é a zona de desenvolvimento próximo. É também aqui que a criança precisa muitas vezes da ajuda de um adulto ou de um par que lhe possa dar o apoio necessário para dar o salto.

ZDF - zona de desenvolvimento futuro. A zona de desenvolvimento futuro descreve a aprendizagem que a criança ainda tem de concretizar”.

(Pascal e Bertram, 1999, p.22).

Apesar de ambas as teorias partirem do princípio e assumirem a criança como sujeito ativo da sua aprendizagem, os autores divergem quanto à construção do conhecimento. Para Piaget, o sujeito é capaz de construir conhecimento sozinho, de forma espontânea em interação com o meio, enquanto Vigotsky defende na sua teoria sociocultural do desenvolvimento cognitivo da criança, que as relações sociais do individuo levam-no ao desenvolvimento das suas funções mentais (Barros, 2011).

Vigotsky considera o desenvolvimento cognitivo como um processo interativo partilhado por todos os que nele participam. Assim sendo, o desenvolvimento da criança progride do nível social para o individual. Esta atividade partilhada, sendo considerado o modo fundamental de aprender, originou a sua teoria conhecida como sócio

construtivismo ou sócio interacionismo. Para Vigotsky, a criança desenvolve-se através da linguagem, do jogo e do trabalho cooperativo entre crianças mais ou menos experientes. Deste modo as interações assumem assim um papel essencial na aprendizagem, sendo que quanto mais ricas forem as suas interações mais rapidamente ocorre o desenvolvimento (Barros, 2011).

Esse desenvolvimento ocorre naturalmente, dependendo do envolvimento da criança quer nas interações com o outro, quer com o meio. Desse modo, e segundo Pascal e Bertram (2009) o envolvimento é uma qualidade da ação humana que pode ser reconhecida pela concentração e persistência; é também caracterizado pela motivação, fascinação, abertura aos estímulos e intensidade da experiência, quer a nível físico como a nível cognitivo, como também uma profunda satisfação e forte fluxo de energia; é determinado pela tendência para explorar o que não se conhece e pelas necessidades individuais de cada criança e há dados que a aprendizagem ocorre em consequência do envolvimento.

O envolvimento é considerado uma medida de qualidade que pode ser aplicável a qualquer situação e a qualquer idade. Talvez o primeiro ponto a observar no envolvimento de uma criança passa pela atenção que centra num aspeto específico, logo, nota-se uma tendência para a continuação e persistência nessa atividade. É de destacar que o envolvimento não surge em situações demasiado fáceis assim como em situações demasiado difíceis. Para que haja um envolvimento por parte da criança, esta tem de se encontrar no limite das suas capacidades, ou seja, na zona de desenvolvimento próximo (Bertram & Pascal, 2009).

Relativamente ao papel da escola e do educador na aprendizagem da criança, também Vigotsky atribui grande importância ao papel do educador como impulsionador e mediador do desenvolvimento cognitivo da criança, sendo que apenas na escola se proporcionam momentos de aprendizagem que não ocorreriam espontaneamente na vida da criança, sem a mediação do adulto. Tal como nos evidenciam Smith, Cowie e Blades (1998):

“A aprendizagem é um processo social pelo qual as crianças constroem progressivamente novos conceitos. Este processo consiste em selecionar informações, gerar hipóteses de interpretação dessas informações e tomar decisões quanto à integração das novas experiências nas construções mentais atuais. Pela comunicação e pelo diálogo, o papel dos educadores consiste em encorajar as crianças a descobrirem esses princípios de aprendizagem”.

(Smith, Cowie e Blades, 1998, p.91)

Tal como como podemos observar, a comunicação e o diálogo são aspetos importantes no processo de desenvolvimento da criança. É através da linguagem que a criança socializa com os outros e com o meio que a rodeia, só através dela é que a criança se vai atingindo o pensamento reflexivo, desenvolvendo-se como pensador e como aprendiz do próprio conhecimento. (Barros, 2011)

### **1.3. A dimensão lúdica e pedagógica das histórias/contos nas diferentes áreas e respetivos domínios da Educação Pré-Escolar**

Qualquer educador deve ter na sua base de formação e de prática o conhecimento abrangente do documento que está, atualmente, em vigor e que sustenta toda a sua prática educacional, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Como nos afirma Silva (1997, p. 13) “ *As orientações Curriculares constituem um conjunto de princípios para apoiar o educado nas decisões sobre a sua prática, ou seja para conduzir o processo educativo a desenvolver com as crianças.*”

Também nas Orientações Curriculares podemos constatar que o desenvolvimento curricular, que é da responsabilidade do educador, atendendo às diretrizes emanadas pelo Ministério da Educação, deverá ter em conta aspetos como: Os objetivos gerais, presentes na Lei-quadro da Educação Pré-Escolar; A organização do ambiente educativo, de modo a sustentar o seu trabalho educativo, respeitando a organização do grupo, do espaço e tempo, do estabelecimento educativo assim como das relações com os pais e outros intervenientes educativos; As áreas de conteúdo, nomeadamente a área da formação pessoal e social, a área de expressão/comunicação e a área do conhecimento do mundo, respeitando também todos os seus domínios correspondentes; A continuidade educativa, onde deve ter especial atenção ao que a criança já sabe e partir daí para novos projetos e por ultimo a Intencionalidade educativa, em que se pressupõem os objetivos do educador, refletindo, observando, planeando, executando e avaliando de modo a adequar a sua prática (Silva, 1997).

Deste modo, e focando-nos um pouco nas áreas de conteúdo, não esquecendo todos os interveniente necessários à prática já enunciando anteriormente, podemos observar que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar distinguem três áreas de conteúdo, como já referimos, sendo que na Área da Expressão e Comunicação temos também presente o domínios das expressões com diferentes vertentes – expressão motora, expressão dramática, expressão plástica e expressão musical; o domínio da linguagem e abordagem à escrita e o domínio da matemática. Deste modo, e observando

a sua transversalidade, podemos admitir que qualquer uma dessas áreas pode ser o ponto de partida como o ponto de chegada para as histórias. (Martins, 2012)

Assim sendo, e tal como nos afirmam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, *“as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação das experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente.”* (Silva, 1997, p. 48)

### **1.3.1. Área de Formação Pessoal e Social**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação no Pré-Escolar a área de formação pessoal e social é considerada como a área integradora de todo o processo de Educação Pré-Escolar (Silva, 1997).

A importância desta área resulta *“da perspectiva que o ser humano se constrói em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia”*, assim como também defende que *“é nos contextos sociais que vive, nas relações e interações com outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode e não fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros.”* (Silva, 1997, p.51).

Segundo Traça (1998), citado por Martins (2012, p.20), os contos sob a forma oral ou sob a forma escrita ajudam as crianças a compreender o mundo que as rodeia assim como *“fornecem significados, estruturam e dão forma às figuras e aos conflitos com que a criança se confronta no dia-a-dia”*.

Através do conto, as crianças são confrontadas com determinados papéis sociais, que as levam a adquirir valores e padrões de sociedade. Desse modo, e como afirma ainda o mesmo autor, o conto promove a interação social, onde um ouve o que o outro lê ou conta.

### **1.3.2. Área de Expressão e Comunicação**

Segundo Silva (1997, p.57) *“A área de expressão e comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem”*. Sendo também a única área que diferencia vários domínios, tal como já referimos, o domínio das expressões, onde encontramos a expressão motora, a expressão dramática, a expressão plástica e a expressão da linguagem, assim como o domínio da linguagem e abordagem à escrita e por último o domínio da matemática.

Também nas Orientações Curriculares podemos observar que esta área é considerada uma área básica, pois *“incide sobre aspetos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem e engloba instrumentos fundamentais para a criança continuar a aprender ao longo da vida.”* (Silva, 1997, p.56)

É exatamente nesta área, embora que englobando sempre todas as restantes áreas, que a narração de histórias/contos se insere, onde através das histórias o educador permite à criança viajar pelo seu mundo da fantasia, procurando respostas para uma dada situação concreta e assim desenvolver a sua aprendizagem.

Vários autores, referenciados em Martins (2012), mencionam que reproduzir ou narrar histórias permite um desenvolvimento da linguagem da criança, sendo por isso o domínio da linguagem e abordagem à escrita, um domínio com grande peso no ato de contar histórias.

### **1.3.3. Área do Conhecimento do Mundo**

Para Silva (1997, p.79) *“A área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê”*, sendo essa curiosidade estimulada e promovida pelo educador. O educador assume o papel importantíssimo de seleccionar criteriosamente os assuntos a abordar com a criança de modo a promover o seu desenvolvimento, sem nunca deixar de lado os interesses da própria criança, tal como nos atestam as Orientações Curriculares:

“O educador escolhe criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança.” (Silva, 1997, p. 83)

Para Traça (1992) contar histórias e dinamizar o contacto da criança com o livro permite-lhe ampliar o seu conhecimento do mundo, educa a sensibilidade, o imaginário e o senso crítico:

“A descoberta do Mundo faz nascer na criança um mundo de interrogações, suscita inúmeras perplexidades. Muitos dos adultos que lidam com a criança nem sempre fornecem respostas satisfatórias, e ou constroem muros de incompreensão e de silêncio, ou manifestam uma indiferença pouco propícia ao estabelecimento de uma relação mais profunda. (...) A tradição oral proporciona, duma forma poética e estilizada, elementos de resposta a questões sobre a causa das coisas, a origem de certos comportamentos, fornece receitas para crescer.” (Traça, 1992, p.86)

#### **1.4. Estratégias para a leitura/narração das histórias**

Albuquerque (2000) afirma que as histórias para a infância são estratégias fundamentais que permitem à criança um prazer incontestável e uma fácil compreensão das mesmas, apesar das suas estruturas cognitivas complexas.

Já Cavalcanti (2005) evidencia que as histórias infantis são um fator de desenvolvimento para a criança, uma vez que através delas a criança tem a possibilidade de conhecer-se a si própria, confrontando a realidade com os vários contextos históricos que vai conhecendo. Segundo o autor, a criança pode aprender “estratégias de luta para vencer batalhas interiores. (Cavalcanti, 2005, p.21)

Tal como já podemos constatar, ouvir e contar histórias é muito importante no processo de desenvolvimento de uma criança em idade pré-escolar. Existem vários documentos que suportam os educadores na sustentação da sua prática letiva. Como tal, e de acordo com a temática por nós abordada, podemos encontrar, através do Plano Nacional de Leitura (Ler+ Escolas), direcionado especificamente para o Jardim de Infância uma brochura intitulada “*Orientações para Atividades de Leitura: Programa- Está na Hora dos Livros*”. Esta brochura apresenta os princípios gerais do programa que visa desenvolver em contexto pré-escolar, sendo que apresenta algumas noções básicas sobre o ato de contar histórias assim como algumas sugestões bastante pertinentes para a forma como o educador deve contar as histórias, sendo um documento de fácil acesso e de uma leitura agradável.

Segundo o Programa – Está na Hora dos Livros, podemos constatar que a educação pré-escolar assume um papel importantíssimo, sendo proporcionadora de experiências enriquecedoras que contribuem para a aprendizagem da leitura. Se em tempos esta tarefa de contar histórias partia do seio familiar, dos pais e avós, hoje em dia isso já não acontece com tal frequência, sendo até um ponto de trabalho do educador criar atividades que envolvam a família nesta temática, de modo a possibilitar as crianças de ouvir histórias, quer na sala de atividades, quer em casa.

Para que o conto seja bem-sucedido, vários são os aspetos que o contador/narrador deve ter em atenção, e o primeiro de todos é adaptar-se ao público que tem perante si. Ao denotar que o público, e neste caso específico as crianças, se estão a distrair – algo que acontece com grande frequência, em atividades que requerem uma maior concentração da sua parte – este deve readaptar o conto à situação, criando situações que chamem de novo as crianças para o enlace. Se por sua vez, denotar que as

crianças estão bastante envolvidas na narração, deve prolongar esse efeito de modo a que a narrativa dure mais um pouco. (Programa – Está na Hora dos Livros)

No mesmo documento, apresentam um conjunto de sugestões para os educadores, que consideramos pertinentes ter em atenção quando preparamos o conto de uma história. Uma das primeiras coisas a ter em conta é contar uma história que seja do nosso conhecimento e principalmente que seja algo de que gostemos; devemos também identificar os pontos-chave da mesma, de modo a conseguir sintetizá-la mentalmente de forma a compreendê-la claramente; devemos contar a história como se a estivéssemos a vê-la a desenrolar-se por cenas, para isso podemos fazer uma preparação prévia, em frente ao espelho, por exemplo; devemos também ter em atenção a reação das crianças, as suas expressões, de medo ou mesmo assustadas, devemos de as amenizar um pouco de modo a envolver a criança. Um factor de grande sucesso, que permite avaliar o desempenho do contador de histórias, é o facto de as crianças pedirem que se torne a contar a mesma história.

Também apresentam sugestões que vão ao encontro das diversas formas de como se deve envolver as crianças no conto da história. É certo que é importante que as crianças ouçam o que estamos a contar, mas e a sua participação? Deve ser somente de ouvinte? Porque não pedir às crianças que repitam frases chave, usando como exemplo “*A História da Carochinha*”, a frase - “*Quem quer, quem quer, casar com a carochinha?*”, que se vai repetindo ao longo do texto, onde podemos deixar as crianças expressarem-se como gestos e sons reforçando assim a nossa narração. Podemos também questionar as crianças- “*Acham que a Carochinha vai encontrar um marido? Quem será?*”, deixando deste modo que as crianças antecipem acontecimentos, imaginem, reformulem e recontem em grupo. Nesta fase de reconto em grupo, o educador pode promover esse reconto em pequeno grupo, ou em grande grupo. Pode optar por escolher duas crianças para que recontem o que o ouvirem, em que se ajudam mutuamente, onde o educador se interfere quando necessário, pode deixar que seja o grupo completo a contar a história ao educador e até mesmo a outra turma.

Uma estratégia que também é importante e o educador deve ter em atenção é o uso de vários tipos de histórias: histórias de animais, de fadas e bruxas, histórias divertidas, de aventura, de magia e de fantasia. Estas histórias agradam muito as crianças estando elas envolvidas no processo de leitura, na observação das imagens e no diálogo sobre as situações apresentadas. Estas histórias também permitem, como já observamos anteriormente, uma interligação com as diversas áreas de conteúdo,

suscitando vários tipos de atividades que fomentam o entusiasmo pela leitura. (Programa – Está na Hora dos Livros)

A leitura de histórias em contexto de sala de atividades permite à criança encarar problemas do dia-a-dia, e encontrar soluções. Através destas histórias que apresentem situações reais, questões que se colocam no relacionamento entre pessoas da mesma família, que permitam desenvolver sentimentos de perplexidade, susto, medo, ciúme, solidão, insegurança, entre muitos outros, permitindo à criança desenvolver respostas fase às suas questões, apurando assim a sua compreensão de si próprios e do mundo que os rodeiam apelando também à reflexão. Uma leitura frequente pode contribuir para que as crianças se tornem mais atentas e tolerantes. No entanto, pode ocorrer situações de crianças que estejam na mesma posição e se sintam incomodadas por rever problemas que os quais se identifica, neste caso o educador deve estar atento a todos os sinais que a criança apresente. (Programa – Está na Hora dos Livros)

O Programa – Está na Hora dos Livros, refere que a leitura de histórias constitui parte fundamental no quotidiano da sala de atividades no jardim-de-infância, produzindo efeitos positivos, no entanto o educador deve assegurar-se que: as crianças compreendem e aderem afetivamente ao enredo; interessam-se pelas situações vividas pelas personagens e que estão interessadas em debater as questões que a história suscita.

Segundo Rigolet (2009) o ato de contar histórias pressupõe três fases importantes que são elas: a 1ª fase – preparação; a 2ª fase – narração e por último a 3ª Fase – Pós-contar. Tal como já referimos anteriormente, é essencial que o educador prepare a leitura analítica de modo a proporcionar momentos de qualidade às crianças.

A primeira fase a da preparação diz respeito a todo aquele pequeno conjunto que coisas que o educador faz inconscientemente, que é possuir um variadíssimo repertório de contos, de modo a ter uma maior oferta para as crianças, eleger e adequar o conto ao publico alvo, tendo sempre em atenção as características próprias de cada grupo, optar pelo modo como vai utilizar o conto, ou seja optar pelo conto tradicional ou um moderno, e estudá-lo de modo a estar por dentro de todo que ser irá passar ao longo da narração. Na segunda fase, a da narração, o leitor, neste caso o educador deve atender aos aspetos de pontuação do texto, aspetos para verbais e traços suprasegmentais. Ou seja, a pontuação permite que o leitor dê vida ao texto, recorrendo a gestos, mímicas, movimentos do corpo interagindo também com a entoação, o ritmo e o timbre de voz que permitem captar a atenção do público, neste caso, da criança. Numa última fase, o pós-contar, a mesma autora Rigolet (2009), deve existir um momento de reflexão de

cada criança, no entanto, cada criança necessita do seu tempo próprio, pelo que criar um momento em que se questionem as crianças de modo a dar respostas a questões didáticas, será, na sua opinião “inútil”. Também Traça (1992), considera importante que exista um momento de conclusão, que pode surgir como finalização para as crianças, mas como também ponto de partida para novas atividades.

Também na brochura, já referenciada anteriormente, intitulada “*Orientações para Atividades de Leitura: Programa- Está na Hora dos Livros*”, podemos encontrar múltiplas sugestões de atividades que podem servir de reforço do interesse das crianças de modo a desenvolver outras competências.

No entanto também é importante que o educador avalie as estratégias que utiliza no conto de histórias para crianças. Essa avaliação pode ser feita de várias maneiras, sendo a observação e o registo a forma de recolher informação por excelência na Educação Pré-Escolar. É fundamental que o educador faça esses registos e os avalie criticamente, de modo a poder adaptar os resultados. Desse modo, e para o efeito, surge a escala de envolvimento sugerida no *Manual Desenvolvendo a Qualidade em Parceria*, desenvolvido por Pascal e Bertram (2009), baseando-se em Leavers, que se constitui como um possível instrumento de avaliação, utilizado na presente investigação.

## **1.5. As tecnologias de informação e comunicação na Educação Pré-Escolar**

Nos dias de hoje, as crianças vivem rodeadas de um ambiente constituído por múltiplas linguagens. Deste modo, cada vez mais cedo têm contacto e manipulam as tecnologias. É importante despertá-las para as diversas vantagens mas também para eventuais constrangimentos sobre as mesmas. (Vale, 2012, p. 16)

As crianças vivem cercadas de tecnologia: o telemóvel que serve para lhe tirar umas fotografias, a máquina de filmar que filma o seu primeiro aniversário, o leitor de DVD que serve para lhe mostrar, na televisão, aquele desenho animado de que tanto gostam, o computador que vêm os adultos a utilizar e elas próprias querem descobrir, o rádio em que ouvem a música do seu desenho animado, no carro, enquanto vão para o jardim-de-infância, entre muitas outras que estão totalmente ao seu dispor. Com isso a criança aprende a manuseá-los, a explorá-los, a experimentá-los, sendo eles como um brinquedo do qual não desistem até o explorar definitivamente. (Morais, 2011, p.28)

Tendo isso como ponto de partida, importa que entre o vasto leque de experiências significativas que o educador deve proporcionar à criança, também elas englobem as tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente designadas por TIC, como recurso (in) formativo e comunicacional. (Morais, 2011)

Segundo Brito (2010, p.4), *o computador numa sala de jardim-de-infância deverá constituir-se como um instrumento que as crianças utilizam como um meio cultural de que se apropriam, no sentido de realizar atividades que assumem significado real e que se inserem num contexto integrado e social de aprendizagem*, ou seja, o computador deve ser instrumento de uso da criança e não somente do educador, sendo que o educador o deve usar como instrumento facilitador de uma prática pedagógica com finalidades sociais e culturais. Deste modo é importante que as TIC estejam presentes como meio de contribuição para a construção de ambientes de aprendizagem que promovam o desenvolvimento da criança fase à sua vontade e o desejo de aprender e saber utilizar os recursos que lhes disponibilizam.

Também nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar podemos encontrar a referência às TIC:

“A utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de várias situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” e “se a linguagem oral e a abordagem à escrita merecem uma

especial atenção na educação pré-escolar, as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente”. (Silva, 1997, p.72)

Também as metas de aprendizagem, publicadas em 2010 pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, dão destaque às tecnologias de informação e comunicação, além de todas as outras áreas apresentadas nas orientações curriculares para a educação pré-escolar. De acordo com as metas, o objetivo não é o conhecimento sobre o funcionamento dos equipamentos ou até mesmo dos equipamentos, mas sim tirar partido desse recurso de modo a proporcionar às crianças experiências de aprendizagem inovadoras, diferentes e estimulantes, promovendo assim momentos de interação e socialização por parte das crianças. (Morais, 2011)

Pacheco (2013) defende que existe uma grande diferenciação entre a leitura de um texto impresso e a leitura de um texto digital, onde neste último, o leitor interpreta-o, sendo que poderá ficar vulnerável às distrações proporcionadas pelos ícones, som e movimento, enquanto no texto impresso o leitor interpreta-o segundo os seus valores, conhecimentos e experiências.

A aplicação das TIC é cada vez mais frequente em todos os contextos educativos, no entanto a grande problemática na sua utilização prende-se com a seleção adequada de estratégias que vão ao encontro do desenvolvimento das crianças. Assim sendo, e citando Miranda e Morais (2008, p.182), *hoje o problema já não está em saber se as TIC devem ser utilizadas no contexto educativo, mas na procura de soluções para as utilizar de forma eficaz e eficiente, no sentido de promoverem cada vez mais competências nas pessoas que as utilizam*, sendo então imprescindível que os profissionais docentes procurem investir nesta área, procurando estratégias eficientes de modo a implementar adequadamente as TIC em contexto educativo.

## 2. Opções Metodológicas

### 2.1. Fundamentação das opções metodológicas

O processo de investigação decorreu no contexto de prática pedagógica, sendo que as experiências de aprendizagem implementadas seguiram sempre uma linha orientadora do trabalho desenvolvido pela educadora cooperante. Sendo o trabalho investigativo realizado ao longo da prática pedagógica adoptou-se o conceito de “investigar a própria prática” de Ponte (2002). Segundo este autor,

“Investigação é um processo privilegiado de construção do conhecimento. A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma atividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores que nela se envolvem ativamente” (Ponte, 2002, p.2).

Denzin (1994), citado por Aires (2011, p.16), apresenta “*o processo de investigação qualitativa como uma trajetória que vai do campo ao texto e do texto ao leitor. Esta trajetória constitui um processo reflexivo e complexo*”, ou seja, o investigador faz a pesquisa no terreno para a obtenção de informação segundo duas regras básicas: persuasão científica, em que é descrita a realidade social e persuasão epistemológica que determina e dirige o modo de compreender e recolher informação sobre a realidade.

Tal como evidenciam Bogdan e Biklen (1994), citado por Parente (2004, p.139) a investigação qualitativa apresenta cinco características: (1) na investigação qualitativa, a fonte direta dos dados é o contexto natural é o investigador o instrumento principal; (2) a investigação qualitativa é descritiva; (3) investigadores qualitativos interessam-se mais pelos processos do que simplesmente pelos resultados ou produtos; (4) investigadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva; (5) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Deste modo, e tendo estas noções, a nossa investigação iniciou-se exatamente pela observação. Foi através dessa observação que constatamos que o grupo de crianças se interessava pelos momentos de histórias. Partindo dessa análise, rapidamente identificamos a nossa questão de investigação e a partir daí surge todo o processo investigativo que se propõem numa investigação sobre a prática, nomeadamente a definição da questão de investigação, os objetivos e a metodologia a utilizar, sempre recorrendo a referencial teórico que sustente a nossa investigação.

Desse modo, e sendo que identificamos que a metodologia adotada é uma metodologia qualitativa, podemos destacar que nela *a realidade é múltipla e descobre-se progressivamente no decurso de um processo dinâmico, que consiste em interagir com os indivíduos no meio e de que resulta um conhecimento relativo ou contextual* (Fortin, 2009, p.26). Tal como refere Fortin (2009), a investigação qualitativa tem um carácter descritivo, sendo que na presente investigação procura-se descrever as estratégias utilizadas durante o conto de fadas e a forma como as mesmas contribuem para o envolvimento das crianças em idade Pré-Escolar.

## **2.2. Questão e objetivos de investigação**

Da observação e experiências vividas no contexto educativo onde foi desenvolvida a prática pedagógica, emergiu a seguinte questão de investigação: Que estratégias poderão ser mobilizadas no conto de histórias e de que forma estas potenciam o envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem?

Partindo da questão de investigação definiram-se como objetivos:

- Identificar várias estratégias inerentes ao conto de histórias na Educação Pré-Escolar e compreender o significado da sua diversidade;
- Compreender e avaliar de que forma as estratégias utilizadas no conto de histórias potenciam o envolvimento das crianças.
- Refletir sobre a relação existente entre as estratégias utilizadas no conto de histórias e os fatores de envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem.

## **2.3. Caracterização do contexto educativo**

O presente estudo foi realizado num jardim-de-infância do sistema educativo público, situado no concelho de Penafiel, pertencente ao distrito do Porto.

O edifício foi construído de raiz para o efeito e foi inaugurado em 2004. Este é composto por duas salas, um polivalente, um gabinete, uma cozinha e sanitários.

Este jardim de Infância, no ano letivo 2014/2015 é frequentado por 41 crianças que estão distribuídas por duas salas: sala 1 (20 crianças) e sala 2 (21 crianças). A componente pedagógica está a cargo de duas Educadoras do quadro de escola. No que respeita ao pessoal não docente existem 4 assistentes operacionais.

## **2.4. Caracterização dos sujeitos de investigação**

É fundamental que o educador, assim como a restante equipa pedagógica, conheça cada criança do seu grupo, assim como o grupo como um todo. Só assim é que o educador poderá adequar a sua prática educativa em função de cada criança. Deste modo, a informação apresentada de seguida advém do projeto curricular de turma assim como das informações facultadas pela educadora cooperante ao longo do período de prática de ensino supervisionada, assim como também da observação direta da investigadora enquanto interveniente no grupo no período entre 6 de outubro de 2014 a 21 de novembro de 2014.

O grupo desta sala em questão, a sala 1, é composto por 21 crianças, sendo que uma delas está sinalizada com NEE. É um grupo heterogéneo, de 20 crianças com idades entre os 3 anos e os 6 anos de idade, sendo 13 crianças do género masculino e 7 crianças do género feminino. É considerado um grupo afável e sociável, no qual observamos uma boa relação com a educadora cooperante.

Como sujeitos de investigação, e partindo do grupo de 20 crianças, selecionaram-se quatro crianças de forma aleatória, sendo que três têm cinco anos de idade e uma e quatro anos de idade. Sendo este um trabalho de investigação, a identidade das crianças estará salva-guarda sendo que serão designadas por Criança D. (C.D.); Criança F. (C.F.); Criança R. (C.F.) e Criança M. (C.M.).

## **2.5. Procedimentos e técnicas de recolha de dados**

De modo a fomentar uma investigação, o educador disponibiliza de vários recursos que lhe permitem uma análise mais concreta e mais fidedigna. A observação, a entrevista, a análise documental, os registos fotográficos, a reflexão e a pesquisa são alguns dos instrumentos que podem ser utilizados numa investigação sobre a prática, como é o caso do presente trabalho investigativo (Aires, 2011).

Para fornecer informações pertinentes e relevantes à investigação procedemos à análise documental, quer dos portfólios individuais da criança, onde podemos analisar informações pessoais de cada criança, como por exemplo, problemas de saúde, situações familiares, crianças carenciadas, quer outros documentos disponibilizados pela educadora cooperante cujo conteúdo de informação se revelou pertinente.

Embora se julgue que os instrumentos são apenas uma ferramenta que possibilita a recolha de informação, é necessário que se selecione a mais apropriada e indicada ao estudo, assim como variar nesses instrumentos, pois tal como nos afirma Sousa (2005,

p.84) *sempre que possível, deve-se procurar utilizar mais que um método ou técnica, de modo cruzado ou paralelo, para que se um falhar a investigação não fique irremediavelmente inviabilizada.*

Assim, e ao longo da presente investigação, recorreu-se à observação e análise documental como técnicas de recolha de dados, sendo que para isso utilizamos instrumentos como registos diários/notas de campo e fotografias.

### **2.5.1. Observação participante**

A observação participante é uma técnica que nos serve de recolha de dados. A observação *consiste recolher informação, de modo sistemático, através do contato direto com situações específicas.* (Aires, 2011, pp. 24-25)

Através da observação podemos recolher dados do contexto onde decorreu a ação, bem como as características das crianças e as interações entre elas. Este processo visa a observação direta e o registo das observações objetivamente. Esta é a técnica que nos permitiu recolher mais informação, pois tal como nos afirma Moreira (2001, p.104) a observação participante é uma *prática indispensável no contexto de formação de professores.* Também Máximo-Esteves (2008, p.87) *a observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto.*

Observar exige muito do investigador, ainda mais quando ele é parte integrante do processo que observa. Tal como referem Gómez, Flores e Jiménez (1999), citado por Morais (2011, p.52) *podemos considerar a observação participante como um método interativo de recolha de informação que requer uma implicação do observador nos acontecimentos ou fenómenos que está a observar,* onde o investigador tem de demonstrar grande capacidade de concentração, disponibilidade e capacidade de atenção.

Ao longo da presente investigação, foram realizadas cinco observações entre os dias 4 e 20 de novembro de 2014, sendo todas as observações apoiadas pelo uso da escala de envolvimento da criança de Leavers (1994). Assim, em cada proposta educativa, cada criança foi observada em três momentos diferentes, durante dois minutos cada observação, aplicando-se a escala em questão. A par do uso da escala mencionada, e integrando os próprios dados recolhidos, as observações foram complementados por notas de campo e por fotografias, tendo sempre em atenção que

esse registo deveria ser feito objetivamente, de modo a facilitar a análise e interpretação dos dados recolhidos.

#### **2.5.1.1. Notas de campo**

As notas de campo são consideradas um grande auxílio da observação, pois revelam a descrição de um dado momento. Tal como nos afirma Aires (2011, p.52) nas *investigações qualitativas (...) o investigador cria, em primeiro lugar, o texto de campo ou notas de campo e, depois, documentos a partir destas notas*. Também Bogdan e Biklen (1994), citado por Morais (2011), defendem que podem ser tomadas notas de campo de forma interpretativa, interrogativa, expressar sentimentos, ideias, opiniões e percepções, quer no momento da recolha de informação quer posteriormente na sua leitura.

Este instrumento de recolha de dados revelou-se fundamental ao longo de toda a investigação, uma vez que nos permitiu em tempo real e mesmo em momentos posteriores recolher informação relativa ao procedimento das experiências educativas, possibilitando descrever as expectativas das crianças, as suas alterações, as dificuldades sentidas, bem como a partilha de opiniões reflexivas, entre outros aspetos que foram sendo considerados pertinentes no momento de observação participante.

#### **2.5.1.2. Registos Fotográficos**

O uso da fotografia como meio de recolha de dados é considerado um instrumento bastante útil ao investigador. Sarabia (n.d., p.3) afirma que *na simples observação de fotografias, podem ser obtidas diferentes leituras, todas válidas, associando o elemento visual “a foto em si”, como registo ou documento e “seu conteúdo significativo”, o que ela representa, ou seja a sua significação*, assumindo deste modo a fotografia várias formas de comunicação.

Os registos fotográficos neste estudo foram utilizados como um instrumento de sustentação da observação, através dos quais foi possível recolher informações pertinentes que de outra forma não seria possível serem analisadas no momento de observação.

A máquina fotográfica, embora fosse um objeto de conhecimento de grande parte das crianças, não deixou de ser um objeto novo na sala de atividades. Deste modo, tornou-se necessário familiarizar as crianças com este pequeno aparelho de modo a que o grupo passasse a considerá-lo como mais um objeto da sala. Foi-lhes explicado que seriam tiradas fotografias ao longo das atividades e que posteriormente eles as iriam ver.

Esta curiosidade de verem as suas fotografias causou grande entusiasmo no grupo de crianças. As fotografias tiradas em contexto sala de atividades eram tiradas unicamente às propostas educativas exploradas, sem nunca expor a identidade de qualquer criança.

Através destes registos fotográficos fomos adquirindo informações relevantes para avaliar o envolvimento das crianças nas propostas educativas pois tal como nos afirma Sarabia (n.d., p.4) *não há fotografia que não seja documento, que não revele questões inerentes a uma época, a um acontecimento de um tempo e lugar, mesmo que subjetiva.*

### **2.5.2. Análise documental**

Ler e perguntar são duas ações fundamentais que estão na base das técnicas de recolha de dados, pois todos os dados vão ser lidos e grande parte deles originarão questões. (Rodrigues, 2012)

A análise de documentos oficiais (internos ou externos), proporcionam informação sobre a organização, a aplicação da autoridade assim como o poder das instituições educativas. Nestes documentos podemos inserir o plano anual do jardim-de-infância, o projeto educativo do agrupamento, assim como o plano individual do aluno, que foram documentos consultados para a nossa investigação de modo a poder compreender o modo de funcionamento da instituição. Já no que se refere à análise de documentos pessoais, referimo-nos a narrações produzidas pelos sujeitos que descrevem a sua própria ação, experiências ou expectativas. Neste sentido, foram consultadas quatro fichas de acompanhamento das crianças com o objetivo de recolher informação sobre as mesmas e três planificações da prática pedagógica III com o objetivo de caracterizar as estratégias utilizadas durante o conto das histórias.

## **2.6. Tratamento da informação recolhida**

Segundo Graue e Walsh (2003) *aquisição de dados é um processo muito ativo, criativo e de improvisação. Os dados têm de ser reunidos antes de poderem ser recolhidos. Se a investigação consiste em assimilar e esgravatar (...), primeiro há que esgravatar e, depois assimilar* (p.115), ou seja o autor da investigação deve recolher a informação e só depois proceder à sua análise.

Deste modo, e como um dos objetivos da nossa investigação prendia-se com a análise do envolvimento da criança no conto de histórias, foi necessário recorrer, como já referimos anteriormente, ao uso de um instrumento avaliativo especificamente criado para o efeito, a Escala de Envolvimento da Criança de Leavers (1994), tendo sido a análise e o

tratamento efetuados de acordo com a mesma Esta escala de envolvimento da criança, apresentada no Manual Desenvolvendo a Qualidade em Parceria, *apresenta* dois componentes, uma lista de indicadores de envolvimento e os níveis de envolvimento (numa escala de 5 pontos), constituindo-se estes indicadores categorias facilitadoras da análise efetuada aos dados recolhidos através da observação. Deste modo, e citando esses indicadores e os níveis de envolvimento apresentados por Bertram & Pascal (2009, pp.129-130) construímos o seguinte quadro (quadro 1):

**Quadro 1 - Indicadores e níveis de envolvimento da Escala de Envolvimento da Criança (Bertram & Pascal, 2009)**

<b>Escala de Envolvimento da Criança (Bertram &amp; Pascal, 2009)</b>	
<b>Os Indicadores de Envolvimento da Criança</b>	<b>Os níveis de Envolvimento da Criança</b>
<p><b>Concentração</b> - A atenção da criança encontra-se orientada para a atividade. Nada parece poder distrair a criança desta profunda concentração.</p> <p><b>Energia</b> - A criança investe muito esforço na atividade. Está muito interessada e estimulada. Esta energia é frequentemente demonstrada pelo alargar da voz ou pela pressão que faz sobre o objeto que utiliza. A energia mental pode ser inferida através das expressões faciais as quais revelam que a criança está concentrada no que está a fazer.</p> <p><b>Complexidade e Criatividade</b> - Observáveis quando a criança mobiliza, de livre vontade, as suas capacidades cognitivas e outras para se dedicar a um comportamento mais complexo do que uma mera rotina. A criança envolvida não pode mostrar mais competência – está a dar o seu melhor. Criatividade não significa que o resultado tenha que ser original. A criatividade existe quando a criança dá um toque individual ao que faz e contribui para o seu desenvolvimento criativo. Nesta situação, a criança encontra-se nos limites das suas capacidades.</p> <p><b>Expressão Facial e Postura</b> - Os indicadores</p>	<p><b>Nível 1. Sem atividade</b> Neste nível, a atividade é simples, estereotipada, repetitiva e passiva. A criança parece estar ausente e não demonstra energia. Há ausência de exigências cognitivas. Uma característica típica é a do olhar vago da criança. N.B. Ter em atenção que este olhar também pode ter outro significado, pode ser um sinal de concentração.</p> <p><b>Nível 2. Atividade frequentemente interrompida</b> A criança está a fazer uma determinada atividade mas metade do período de observação inclui momentos de ausência de atividade durante os quais a criança não está concentrada e está só a olhar para o ar. Verificam-se interrupções frequentes na concentração das crianças. O seu envolvimento não é suficiente para as fazer regressar à tarefa.</p>

não-verbais são de extrema importância para apreciar o envolvimento da criança.

É possível distinguir olhos perdidos no vazio de olhos brilhantes. A postura pode revelar alta concentração ou tédio. A postura pode ser altamente significativa, mesmo quando a criança está de costas para o observador.

**Persistência** - A persistência é a duração da concentração na atividade que está a ser realizada. As crianças que estão realmente envolvidas não abandonam facilmente o que estão a fazer. Querem continuar a atividade que lhes interessa e dá prazer, não se deixando distrair pelo que acontece à sua volta. A atividade envolvida tem geralmente uma maior duração, embora o tempo investido dependa da idade e da experiência da criança.

**Precisão** - As crianças envolvidas mostram um cuidado especial com o seu trabalho e estão atentas aos pormenores. As crianças que não se envolvem, estão pouco preocupadas com as questões de pormenor. Os pormenores não são importantes para elas.

**Tempo de reação** - As crianças que estão envolvidas estão atentas e reagem com rapidez a estímulos. Correm, literalmente falando, para uma atividade e mostram grande motivação e entusiasmo.

Note-se que o envolvimento não se pode ver apenas pela reação inicial. É mais que isso.

**Linguagem** - A importância que a atividade tem para as crianças pode ser observada através dos comentários que fazem. Por exemplo, poderão, repetidamente, pedir para fazer uma determinada atividade e dizerem que gostam de a fazer.

**Satisfação** - As crianças envolvidas demonstram grande satisfação perante os resultados alcançados.

### **Nível 3. Atividade quase contínua**

A criança encontra-se ocupada numa atividade mas a num nível rotineiro, não demonstrando sinais de envolvimento real. Faz alguns progressos mas sem muito interesse nem especial concentração. A criança distrai-se facilmente do que está a fazer.

### **Nível 4. Atividade contínua com momentos de grande intensidade**

A atividade da criança passa por momentos de grande intensidade. O nível 4 é reservado para a atividade demonstrada nesses momentos de maior intensidade e pode ser inferido usando os sinais de envolvimento. Mesmo quando há interrupções, o nível da atividade é retomado. Outros estímulos do ambiente, por mais atraentes que sejam, não conseguem distrair a criança do que está a fazer.

### **Nível 5. Atividade intensa prolongada**

A criança demonstra, através da atividade continuada e intensa que está a desenvolver, que atingiu o mais elevado grau de envolvimento. Não é necessário que durante o período de observação todos os sinais de envolvimento estejam presentes embora seja necessária a presença dos fundamentais – concentração, criatividade, complexidade, energia e persistência. A intensidade deve estar presente durante todo ou quase todo o período de observação.

A informação recolhida com base na escala, seus indicadores e níveis, é compactada num gráfico que evidencia os três momentos de observação de cada criança assim como o nível de envolvimento atingido por cada uma, nesse dado momento. Assim, a informação recolhida ao longo da presente investigação resulta de uma análise descritiva, que se procurou profunda, das propostas educativas e do nível de envolvimento das crianças durante as mesmas, complementada por uma análise estatística, ilustrada sobre a forma de gráfico, de acordo com cada proposta.

### **3. Apresentação e análise dos resultados obtidos**

No âmbito desta investigação foram realizadas três planificações semanais, que compreendiam o período de prática pedagógica. Dessas planificações apenas 5 propostas educativas foram objeto de análise e de investigação para este trabalho, sendo então que procederemos à descrição das propostas educativas implementadas assim como à devida análise dos resultados obtidos.

Após essa análise será feita uma reflexão crítica sobre as mesmas de modo a comparar e cruzar os resultados com as pesquisas efetuadas ao longo do enquadramento teórico.

#### **3.1. Descrição das propostas educativas implementadas**

As atividades aplicadas foram planeadas e elaboradas pela estagiária/investigadora, em consenso com a educadora cooperante, tendo sempre como ponto de partida o processo educativo desenvolvido pela mesma.

Assim, foram desenvolvidas cinco atividades em contexto sala de atividades que visam procurar responder à questão de investigação: *Que estratégias poderão ser mobilizadas no conto de histórias e de que forma estas potenciam o envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem?* Neste sentido, foram várias as estratégias utilizadas na narração de histórias de modo a analisar o envolvimento das crianças nesses momentos através da escala de envolvimento já referida anteriormente.

### 3.1.1. 1ª Atividade - Apresentação da história: A lenda de S. Martinho

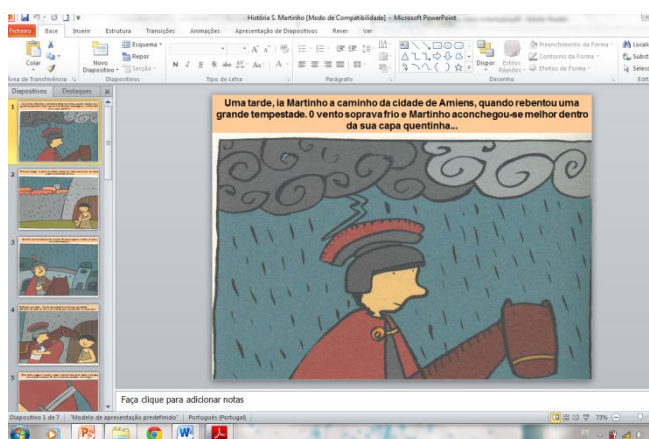


Figura 1 – PowerPoint: A lenda de S. Martinho

A nossa primeira atividade consistiu na apresentação da história *A Lenda de S. Martinho*. Esta primeira atividade surgiu da necessidade de abordar o santo padroeiro do concelho onde a instituição está inserida. O dia de S. Martinho é comemorado com grande entusiasmo pela população penafidelense, sendo que o próprio dia 11 de novembro é considerado feriado municipal. Deste modo, e dada a sua grande relevância, o tema S. Martinho é parte integrante do plano anual de atividades da instituição. Refletindo com a educadora cooperante chegámos à conclusão que faria sentido dinamizar esta lenda com recurso ao PowerPoint e analisar o envolvimento do grupo durante o momento de narração. O uso das tecnologias de informação e comunicação, segundo Morais (2011), constitui um grande contributo para a aprendizagem das crianças, na medida em que lhes apresentam novas formas de aprender, de comunicar, de descobrir.

Analisando o envolvimento das crianças durante a narração da lenda através do uso da EEC, e partindo dos resultados obtidos, com o preenchimento das fichas de envolvimento relativamente à primeira sessão (apêndice B), procedeu-se à construção da figura seguinte (figura 2):

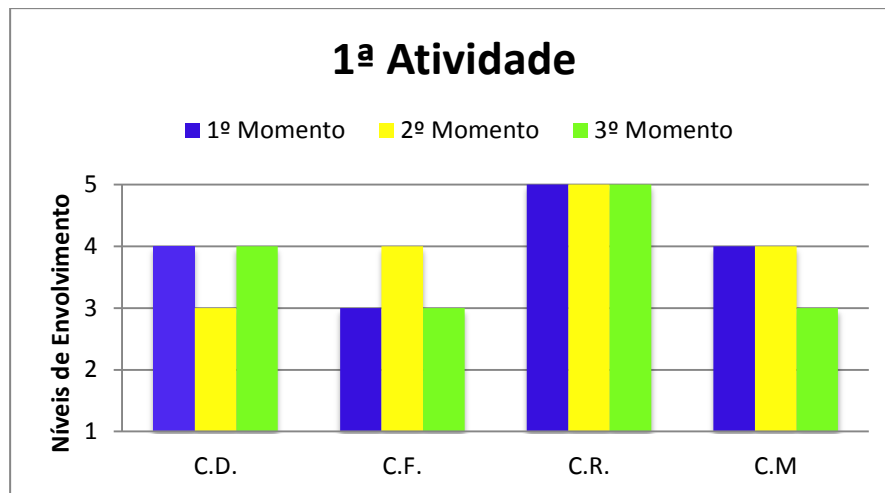


Figura 2 - Resultados obtidos durante o conto da Lenda de S. Martinho

Como podemos observar, os níveis de envolvimento durante a narração da lenda de S. Martinho variam de criança para criança e em cada criança de momento para momento. A figura 1 evidencia que todas as crianças observadas apresentaram alterações no nível do envolvimento à exceção da Criança R. (C.R.).

Tendo como base a EEC, podemos observar que a C.D., apresentou curiosidade inicial sobre o que iria acontecer, sendo que teve um pequeno momento de distração. Registamos que voltou à atividade, compreendendo e desenvolvendo com entusiasmo a proposta sugerida. Segundo esses registos obtidos, podemos ver que se encontra no nível 4, sendo que tem uma pequena variação com nível 3, ou seja, apresenta uma atividade contínua com momentos de grande intensidade em que a criança se demonstrou concentrada na história que lhe era apresentada, evidenciando indicadores não-verbais que nos permitem ver que de facto estava envolvida.

Já no que se refere à criança C.F., registamos que a criança estava um pouco irrequieta, afirmando que já conhecia a história. No entanto, também registamos que as imagens conseguiram captar a sua atenção, apresentando assim uma maior curiosidade, o que nos leva a verificar que o seu nível de envolvimento é o nível 3, embora na segunda observação se mostrasse mais persistente em continuar na atividade, revelou uma atividade quase contínua mas sem evidenciar indicadores de envolvimento, como a concentração e energia.

Relativamente à criança C. R., observamos que a criança conseguiu identificar a história através das imagens, mas não se desmotivou pelo facto de a conhecer. Apresentou evidências de entusiasmo e energia que lhe permitiram estar concentrado na atividade. Desse modo e como podemos ver, relativamente ao seu envolvimento, foi a

única criança a atingir o nível de envolvimento máximo, o nível 5, apresentando uma atividade intensa prolongada, pois a criança evidenciou grande concentração na audição da história e pareceu canalizar a sua energia para aquele momento.

Quanto à criança C.M., registamos um pouco de instabilidade inicial por não saber o que iria acontecer, no entanto, novamente, registamos que as imagens conseguiram chamar a sua atenção para permanecer ativamente. Relativamente ao seu envolvimento, registamos que nos dois primeiros momentos de observação, a criança mostrou uma atividade contínua e com momentos de grande intensidade nomeadamente no que se refere ao esforço que manteve para continuar na atividade, pois os fatores externos também lhe chamavam a atenção, sendo exatamente isso que foi observado no terceiro momento onde a atividade é quase contínua mas não tão motivadora como inicialmente. Podemos também averiguar que não houve registos relativos aos níveis 1 e 2.

Em síntese, podemos constatar que houve, na maioria dos momentos observados, grande envolvimento por parte das crianças participantes (maioritariamente superior ao nível 3), uma vez que todos pareceram estar envolvidos na audição e apresentação da lenda de S. Martinho.

Após a audição da lenda, as crianças identificaram quais os aspetos importantes da mesma para si, e procederam à sua reprodução. Para isso utilizaram a técnica de desenho onde desenharam a lenda de S. Martinho. É de destacar que todos os envolvidos na investigação deram grande ênfase ao castelo que viram nas imagens, isto porque o tema anual a trabalhar na sala é destinado aos castelos, sendo então uma temática que lhes chama um pouco atenção, como podemos constar nas seguintes figuras (figura 3 e 4).



**Figura 3 – Crianças a desenharem**



**Figura 4 – Uma das produções das crianças**

Consideramos com base nos resultados obtidos que o recurso às TIC motivou as crianças para a descoberta e para a curiosidade, pois como nos evidencia Morais (2011), as crianças estão cercadas de tecnologia, e só o uso delas em sala de atividades já pressupõem novas descobertas, deixando-os assim despertos para o conhecimento.

Sentimos que foi uma boa estratégia pois conseguimos captar a atenção das crianças para algo diferente. No entanto também sentimos que o uso de imagens ilustrativas da história no PowerPoint cortou um pouco a capacidade de criação das crianças, o que pode ser considerado uma das desvantagens das TIC, pois condiciona as imagens mentais que as crianças podem construir sobre determinada história.

Neste sentido, podemos concordar com os autores por nós apresentados sobre o uso das TIC, no entanto, também destacamos que no uso específico das TIC como instrumento auxiliar no conto de histórias, capta a atenção da criança através do uso da imagem, no entanto pode torna-se um inibidor da criatividade da criança. Assim sendo, e de forma conclusiva, concordamos com a afirmação e Ponte (2002), citado em Vale (2012, p.16)

“As TIC constituem, assim, uma linguagem de comunicação e um instrumento de trabalho essencial do mundo de hoje que é necessário conhecer e dominar. Mas representam também um suporte do desenvolvimento humano em numerosas dimensões, nomeadamente de ordem pessoal, social, cultural, lúdica, cívica e profissional. São também, convém sublinhá-lo, tecnologias versáteis e poderosas, que se prestam aos mais variados fins e que, por isso mesmo, requerem uma atitude crítica por parte dos seus utilizadores. (Ponte, 2002, p.2)

### 3.1.2. 2ª Atividade - Apresentação da História: O rei “Com Tudo”

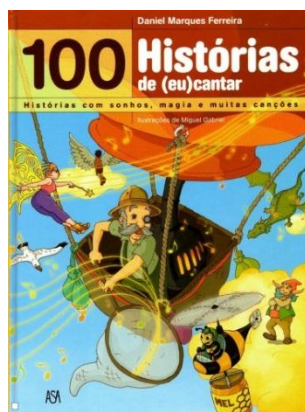


Figura 5 – Livro: 100 Histórias de (eu)cantar

Nesta segunda proposta educativa, para o nosso projeto de investigação, optamos pela exploração do livro como estratégia para o conto de histórias. A nossa escolha recaiu sobre a uma das histórias apresentadas, no livro *100 Histórias de (eu)cantar – O Rei “Com tudo”*. Esta escolha evidenciou-se relevante no sentido que iria de encontro com o projeto anual desenvolvido na sala, Os Castelos. Desse modo, nada como apresentar uma história às crianças que pudesse estar interligada com as suas experiências vividas.

A história também se revelou didática no sentido em que apelava a questões de partilha, pois tratava-se de um rei que queria tudo para ele e acabou por ficar sem nada. Como já verificamos, as histórias de encantar procuram sempre transmitir um ensinamento, uma moral às crianças. O nosso objeto também passa pela exploração dessas mesmas morais, apresentadas nas histórias de modo a dar a conhecer às crianças situações que podem imaginar através de um conto.

Como referimos utilizamos uma outra estratégia, diferente da primeira atividade de modo a poder observar e comparar os níveis de envolvimento das crianças. Assim sendo, e com o preenchimento das fichas de envolvimento de cada criança (apêndice D), obtivemos os seguintes resultados:

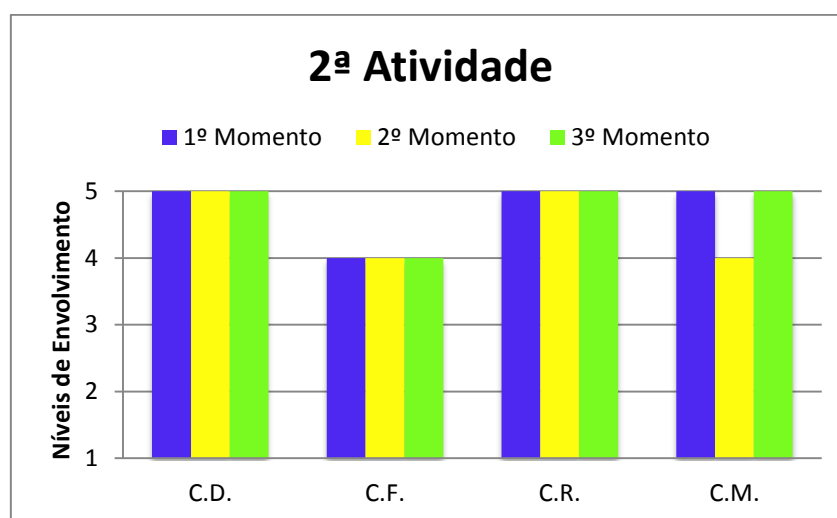


Figura 6 – Resultados obtidos durante o conto da história: O Rei com Tudo

Como podemos observar os níveis de envolvimento nesta atividade foram bastante positivos. Sendo que registamos nas crianças grande curiosidade pela descoberta do livro.

Como podemos ver a criança D. (C.D.) e a C.R. evidenciaram o nível 5 de envolvimento, ou seja ambas apresentaram uma atividade intensa e prolongada atingindo assim o seu grau de envolvimento máximo, pois apresentaram-se

concentradas na atividade, a sua persistência também foi contínua sendo que o único factor que variou durante as observações foi a intensidade. No entanto é de ressaltar que, relativamente à primeira atividade a C.D. aumentou o seu nível de envolvimento evidenciando assim uma maior capacidade de concentração, complexidade, persistência e satisfação relativamente à atividade apresentada, já a criança C.R. manteve o seu nível de envolvimento nas duas atividades. A C.R. mostrou-se entusiasmada com o final da história conseguindo compara-la com a realidade (surgiram questões de partilha entre o grupo).

Relativamente à criança C.F., registamos que a criança estava curiosa e ansiosa pela manipulação do livro, querendo ver as ilustrações. Também registamos que ficou um pouco desmotivada quando viu que tinham poucas imagens. Desse modo podemos observar que atingiu o nível 4 em todas as observações efetuadas, e que comparativamente com a primeira atividade, podemos analisar que a criança se mostrou mais estável podendo assim atingir um maior nível de envolvimento.

Quanto à criança C.M. observamos que a criança estava ansiosa por poder tocar no livro e folheá-lo, sendo que essa mesma ansiedade acabou por o levar à distração por alguns momentos, sendo que retoma a atividade rapidamente. Sendo assim podemos observar que tal como na primeira atividade atingiu o nível 4 de envolvimento sendo que também teve uma oscilação entre o 1º e o 3º momento de observação. Como verificamos não temos nenhum registo nos níveis 1 e 2.

Podemos constatar que esta atividade envolveu muito mais os sujeitos da investigação uma vez que foram atingidos níveis mais altos de envolvimento, comparativamente com a atividade anterior. Talvez um dos factores que permitiu este maior envolvimento possa estar interligado com a estratégia utilizada para a narração da história, pois o livro era um objeto desconhecido por eles o que lhes causou bastante curiosidade sobre a atividade em si. A exploração do livro também lhes permitiu um contacto visual e palpável do que iriam ouvir.

No entanto, e apesar de terem evidenciado um nível satisfatório de envolvimento, consideramos que o recurso poderia ter ajudado mais. Um livro com imagens permite à criança imaginar a história mentalmente, *essa possibilidade de proceder a uma leitura dual (texto e imagem) contribuirá, obviamente, para a melhor compreensão do livro no seu todo.* (Martins, 2011, p.18).

Posteriormente e como forma de ligação ao projeto desenvolvido foi-lhes proposto que começassem a construção tridimensional de um rei, não um rei como o da

história que tinham acabado de ouvir, mas sim um rei bom e amigo dos habitantes do seu reinado (o grupo de crianças). Este rei seria construindo recorrendo a matérias recicláveis, apelando assim à sensibilização ambiental, como por exemplo o uso de garrafas de água.

Este projeto foi iniciado nesta proposta educativa mas, obviamente, teve continuidade noutros momentos ao longo da nossa prática pedagógica, sendo uma atividade contínua e não finalizada no próprio dia. Assim sendo, passamos a apresentar as figuras 7, 8, 9 e 10 que nos serviram de documentos importantes na análise destes dados:



**Figura 7 – Exploração do livro**



**Figura 8 – Narração da história: O rei “Com tudo”**



**Figura 9 – Exploração dos materiais**



**Figura 10 – Construção do rei tridimensional**

Consideramos que o recurso do livro foi uma estratégia que resultou muito bem, uma vez que apresentou grandes níveis de envolvimento das crianças. Também é de ressaltar que este é um tema que desperta grande curiosidade nas crianças, uma vez que é algo que lhe fica completamente na imaginação, e que cada um vê à sua maneira. Foi também uma história importante como introdução para a construção do rei tridimensional que foi uma atividade que teve início na história *O Rei com tudo*, mas que teve como objetivo interligar-se com o projeto desenvolvido na sala. Consideramos que foi uma atividade entusiasmante para as crianças que se mostraram bastante envolvidas.

### 3.1.3. 3ª Atividade: Apresentação do vídeo - A Branca de Neve e os Sete anões

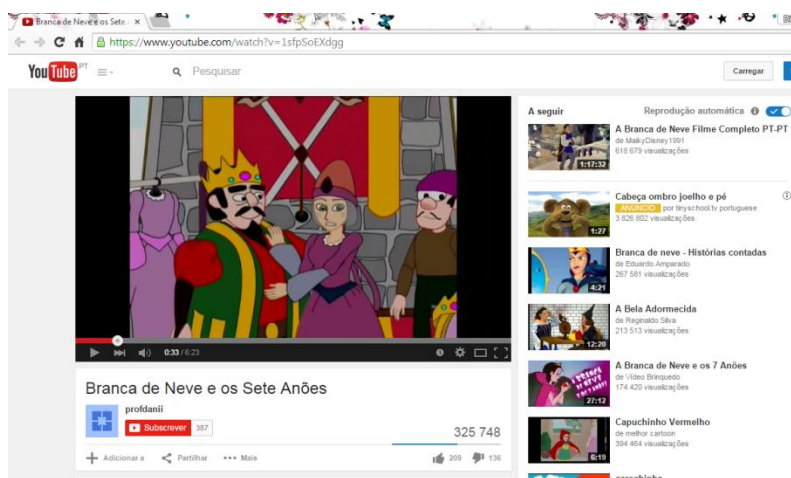


Figura 11 - Vídeo: Branca de Neve e os 7 anões

Na terceira atividade proposta no nosso projeto de investigação apresentamos a história da *Branca de Neve e os Sete Anões*, em formato de vídeo. Mais uma vez tentamos recorrer a uma técnica distinta e diferente das anteriores de modo a avaliar o envolvimento das crianças. Optamos por esta história pois é uma história de conhecimento de grande parte das crianças, inclusive das crianças observadas, no entanto devido à sua apresentação peculiar, desde logo evidenciamos que iríamos captar a atenção dos sujeitos de investigação.

Deste modo, apresentamos então o gráfico com os níveis de envolvimento das crianças, registadas nas fichas de envolvimento (apêndice F), relativamente à visualização desta história, temos:

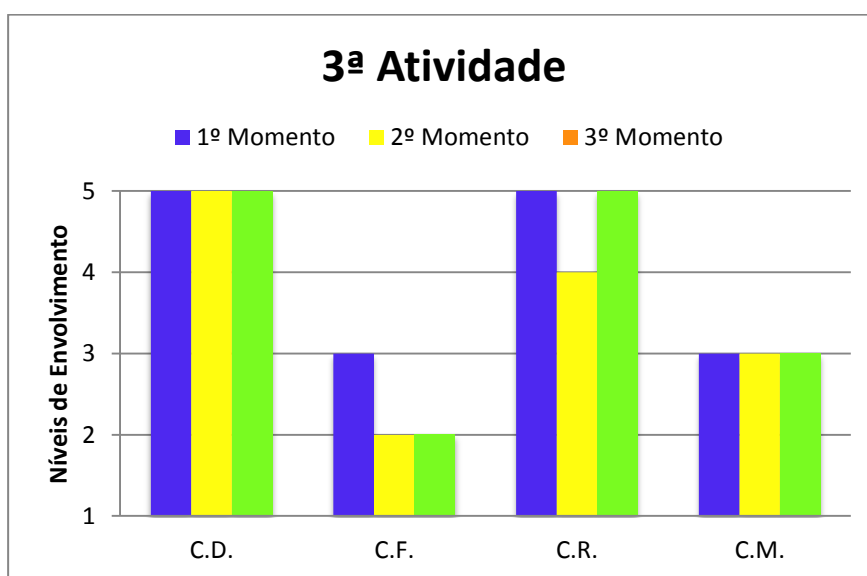


Figura 12 - Resultados obtidos durante a visualização do vídeo: A Branca de Neve e os 7 anões

Como podemos observar e à semelhança da atividade anterior, também nesta proposta atingimos o nível 5 de envolvimento, em duas crianças. Sendo que a C.D. manteve o seu nível de envolvimento ao longo dos três momentos de observação, onde mostrou curiosidade ao longo da visualização do vídeo sendo que conseguiu expressar comparações temporais, como registamos nas fichas de envolvimento.

No entanto, apesar de também ter atingido o nível 5 de envolvimento, a C.R. destabilizou um pouco na segunda observação, uma vez que se distraiu com a possibilidade de fazer um castelo igual ao da história, este comentário evidenciou que a criança estava concentrada, no entanto, fez com que se perdesse um pouco da história, mas retomou a atividade ativamente.

É de ressaltar a grande queda da C.F. que apresenta um nível de envolvimento muito baixo, nível 2, comparativamente com os anteriores, embora no primeiro momento de observação se mostrasse com um nível de concentração contínua, nos momentos seguintes apresenta uma atividade frequentemente interrompida, nível 3. Estes níveis foram registados devido à pouca concentração da criança, assim como também não evidenciou sinais de envolvimento que nos permitisse atribuir um maior nível.

Já relativamente à C.M. esta apresenta uma atividade quase contínua embora também não se denote grande entusiasmo da sua parte, sendo que não demonstrou grande curiosidade sobre a mesma.

Observamos que o uso da imagem auxiliado pelo uso do som consegue captar a atenção das crianças. No entanto, como nos afirma Pacheco (2013, p.59), o educador *por vezes poderá ficar vulnerável às distrações proporcionadas pelos ícones, o som e o movimento*. Sendo que consideramos que este é um dos factores menos positivos do uso das TIC, neste caso em particular do uso do vídeo.

No entanto, esta foi o primeiro registo feito no período da tarde, o que consideramos que influenciou a concentração das crianças observadas. Uma vez que denotavam algum cansaço e alguma instabilidade. Consideramos importante esta análise em horários diferentes de modo a compreender se existia ou não alguma influência no envolvimento da criança. Acreditamos que influencia indiretamente no sentido em que as crianças apresentam uma menor concentração.

Analizamos que as crianças conseguiram estar na atividade de início ao fim com um nível de envolvimento satisfatório, permitindo-nos assim concluir com êxito a mesma.

### 3.1.4. 4ª Atividade Apresentação do vídeo: O Capuchinho Vermelho

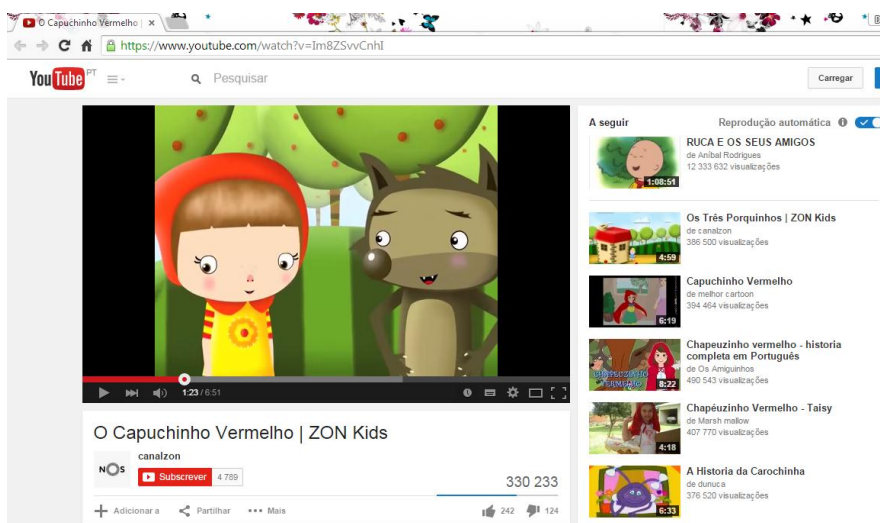


Figura 13 – Visualização do Vídeo: O Capuchinho Vermelho

Na nossa quarta atividade de investigação voltamos a recorrer ao uso do vídeo para a narração de uma história. Apresentamos a história do *Capuchinho Vermelho*, que é de grande conhecimento do grupo de observação. Nesta atividade o nosso objetivo principal era o de avaliar concretamente de que forma é que uma história contada de maneira diferente pode ou não captar a atenção da criança. O vídeo, embora tenha sido um recurso utilizado na atividade anterior, era um acontecimento rápido, onde a informação recolhida era bastante reduzida, daí a sua utilização repetida.

Analisando os resultados obtidos na quarta sessão nas fichas de envolvimento (apêndice H), obtivemos o seguinte gráfico:

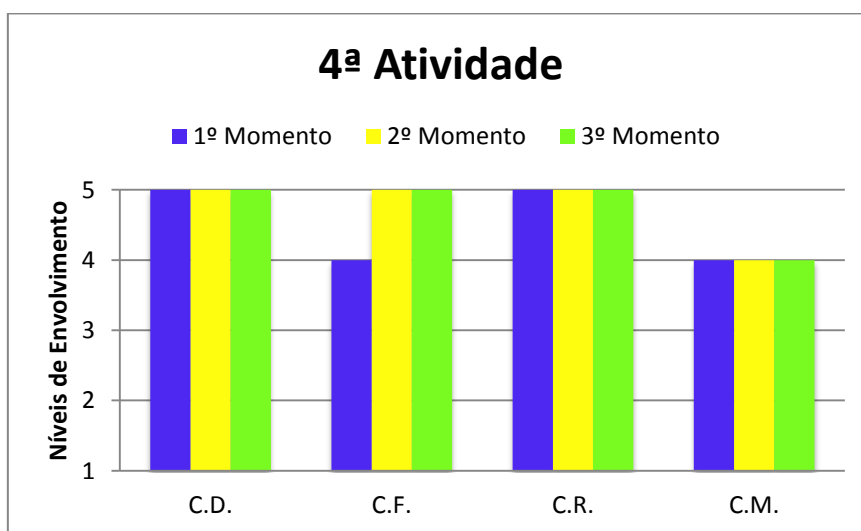


Figura 14 - Resultados obtidos durante a visualização do Vídeo: Capuchinho Vermelho

Como podemos observar os níveis de envolvimento nesta atividade são muito satisfatórios, uma vez que as crianças obtiveram níveis de envolvimento entre o nível 4 e o nível 5. Como constatamos, a criança C.D. e a criança C.R. mantiveram o nível 5 durante os três momentos de observação, sendo que evidenciaram curiosidade pelo vídeo da história apresentada, revelando factores que nos permitem chegar a esses níveis de envolvimento, como a concentração, a energia, expressões faciais e persistência.

Ao passo que a criança C.F. na primeira observação encontrava-se no nível 4 sendo que evoluiu para o nível 5, pois inicialmente mostrou-se reticente quanto à história, afirmando que já a conhecia, no entanto as imagens e a narração da mesma conseguiu captar a sua atenção.

Já relativamente à C.M. nos três momentos de observação permaneceu no nível 4, onde evidenciou um grande esforço de concentração, uma vez que já conhecia a história, mas mais uma vez, a imagem captou a sua atenção e despertou a sua curiosidade, mantendo-o assim ativo durante a audição.

Podemos verificar que não existe registos nos níveis 1, 2 e 3, o que nos permite concluir que a atividade foi bem concretizada.

Podemos também validar que o uso do vídeo como recurso permite à criança acompanhar a história visualmente e auditivamente, pois tal como nos afirma Pacheco (2013, p.63), *as crianças leem a imagem, interpretam-na, inferem sobre o que veem e atribuem essa mesma interpretação ao texto que acompanha a imagem tornando-o predizível*. No entanto é de ressaltar que para crianças mais pequenas, este instrumento pode não funcionar da mesma forma. Contrariamente à atividade anterior, esta história conseguiu envolver positivamente todos os sujeitos observados.”



**Figura 15 - Grupo a visualizar a história**

É de salientar que o objetivo desta atividade era efetivamente o de tentar dar resposta à nossa pergunta de investigação, recorrendo ao uso de várias estratégias para a narração de histórias, no entanto, esta história não apareceu em contexto educativo por acaso, tal como todas as experiências educativas, esta adveio de um consenso com a educadora cooperante, que seria importante debater as questões que esta história levanta, como já podemos referir anteriormente as histórias de encantar e os contos tradicionais transitem uma moral, sendo que a deste conto referia-se ao hábito de falar com estranhos, uma atitude que foi importante debater com as crianças, de modo a explicar-lhes os perigos da situação.

### 3.1.5. 5ª Atividade Apresentação do PowerPoint: Maria Castanha e Manuel Castanho

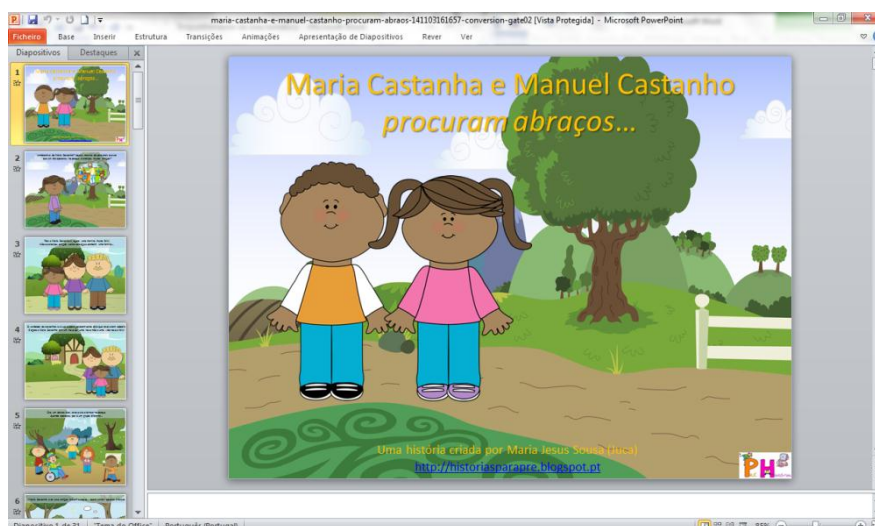
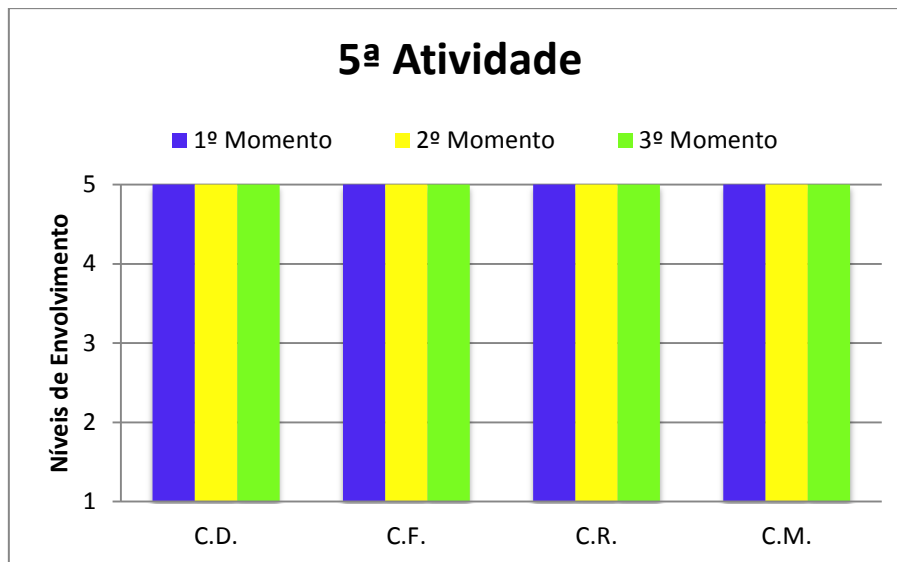


Figura 16 – PowerPoint com a história: Maria Castanha e Manuel Castanho

Na nossa quinta e última atividade proposta para a investigação deste projeto, apresentamos a história da *Maria Castanha e do Manuel Castanho*. Esta história foi decidida em conjunto com a educadora cooperante de modo a sensibilizar o grupo para uma temática que consideramos importante debater com eles, o valor da amizade. Esta atividade também foi implementada num dia bastante significativo, o Dia Nacional do Pijama. A história também se tornou relevante no sentido em que as crianças já conheciam a personagem da Maria Castanha (de propostas educativas anteriores), o que lhes despertou ainda mais a sua curiosidade.

Analisando os dados registados nas fichas de envolvimento da quinta sessão (apêndice I), obtivemos os seguintes dados:



**Figura 17 - Resultados obtidos durante a visualização do PowerPoint: Maria Castanha e Manuel Castanho**

Como podemos observar, nesta atividade todas as crianças evidenciaram um nível de envolvimento máximo, o nível 5. Consideramos que as crianças estavam totalmente motivadas para a atividade, empenharam a sua concentração e energia para a audição da história e foram persistentes, no sentido em que, não deixaram que os factores externos os alheassem à atividade. Consideremos, também que o facto da história apresentada estar interligada com o seu conhecimento prévio os motivou para descobrir o que iria acontecer com aquela personagem que eles tão bem conheciam.

A criança C.D. evidenciou compreender a essência da história apresentada, sendo que referiu enumeras vezes que a família era importante, sendo que os avós também são família. Sentiu a necessidade de expressar o grande carinho que tem pelos avós assim como a importância que lhes atribui.

Relativamente à C.F. revelou grande curiosidade pela história, apresentou expressões faciais motivadoras e satisfatórias, e evidenciou uma concentração extrema pela história.

Já referente à C.R. começou por comparar a história à da Maria Castanha, que eles já conheciam, sendo que quando percebeu que não se tratava da mesma ficou bastante curioso, canalizando toda a sua atenção para a audição da mesma.

A criança C.M. conseguiu atingir uma atividade intensa durante toda a história, direcionando a sua atenção e concentração para a mesma, as suas expressões faciais são um dos indicadores de envolvimento observados.

O uso do PowerPoint revelou-se importante no sentido em que as crianças iriam visualizar as imagens da história à medida que iriam ouvir a narração. Também este

recurso nos permite, a nós narrador dar o devido ritmo à história, sendo que à medida que a contávamos também explorávamos as ilustrações, interligando assim as áreas de conteúdo. Tal como nos afirma Pacheco (2013, p.214) *estas histórias poderão ser uma mais-valia para o desenvolvimento de competências literárias em leitura, escrita e literacia (...)*.

Após a apresentação da história as crianças foram convidadas a explorar a temática central da mesma – amizade. Para isso e recorrendo à área das expressões, o grupo (grupo de sala de atividades, incluindo os sujeitos de investigação) realizou um painel sobre a amizade e os valores da amizade, como podemos confirmar nos seguintes registos (figuras 17, 18, 19 e 20):



**Figura 18 – Visualização da História**



**Figura 19 – Iniciação do painel da amizade**



**Figura 20 - Grupo a desenhar**



**Figura 21 - Grupo a pintar**

Como podemos ver as crianças demonstraram envolvimento na atividade de forma contínua, tanto na parte inicial da audição da história, como também na execução das propostas educativas. Evidenciaram gostar deste tipo de atividades uma vez que observamos que atingiram os níveis máximos da escala de envolvimento, evidenciando assim uma atividade intensa e prolongada.

### 3.2. Reflexão sobre as estratégias implementadas

As atividades implementadas, apresentadas anteriormente, no contexto de prática pedagógica, consistiram no uso diversificado de estratégias durante o conto de histórias e na avaliação do nível de envolvimento das quatro crianças participantes durante esses momentos. As histórias apresentadas às crianças, assim como a estratégia utilizada, foram escolhidas de comum acordo entre a educadora cooperante e a estagiária/investigadora, sendo que todas elas tinham um objetivo e surgiram em ligação com os projetos desenvolvidos quer pela educadora cooperante quer pela estagiária/investigadora com as crianças.

Centrando a análise e reflexão nas estratégias utilizadas, podemos referir que foram utilizadas várias estratégias, como a utilização do livro e das TIC (através do PowerPoint e do vídeo).

Os resultados obtidos ao nível do envolvimento das crianças durante o momento do conto de histórias parecem evidenciar que, de uma forma geral, as crianças mostraram grande envolvimento em todos os momentos planeados (de nível 3 a 5), sendo que se mostraram mais envolvidas numa atividade como por exemplo as histórias apresentadas em PowerPoint, do que as histórias apresentadas em vídeo. Talvez essa variação se dê pelo facto de nas histórias apresentadas em vídeo não existir qualquer interação entre eles e a história ouvida, o que os deixou um pouco instáveis.

No entanto, consideramos também que o recurso a estímulos audiovisuais permite uma melhor aprendizagem por parte da criança, pois como afirma Moderno (1992, p.107), citado em *só há uma boa aprendizagem se houver uma boa percepção e esta só tem lugar se estimularmos devidamente os órgãos dos sentidos que estão na base da percepção ou seja a audição e a visão.*

Também consideramos o uso do livro como um instrumento muito importante, uma vez que, segundo Veloso (2001), citado em Martins (2011, p.2), o livro é *uma das formas mais impressivas de cativar a criança e de estabelecer com ela as cumplicidades necessárias a uma simbiose literária.* No entanto, devemos ter em atenção que é importante selecionar obras literárias de acordo com as idades das crianças, indo ao encontro do livro adequado à sua idade e ao seu gosto. (Silva, 2014)

No que se refere à primeira atividade, em que recorremos ao uso do PowerPoint analisamos algumas oscilações no envolvimento dos participantes, sendo que apenas uma das crianças manteve o seu nível de envolvimento. No entanto, e contrariamente, na última atividade, em que voltámos a usar o PowerPoint como ferramenta de conto de

histórias, já denotamos um maior nível de envolvimento. Estes resultados justificam-se na medida em que existem vários fatores que influenciam o envolvimento da criança, quer internos (bem-estar, boa disposição), quer externos (ambiente criado) não passíveis de controlo, pelo que o mesmo recurso, analisado em diferentes situações, pode causar mais ou menos envolvimento nas crianças. Cruzando os resultados obtidos com o que refere Moraes (2011, p.27) podemos concluir que *é, portanto, importante fazer uma reflexão em torno das TIC, na sua contribuição para a construção de ambientes de aprendizagem que promovam, ao nível do desenvolvimento das crianças, capacidades relacionadas com a vontade e o desejo de aprender e o saber utilizar os recursos que lhe permitam fazê-lo.*

Um outro recurso também apresentado e ligado às TIC refere-se ao conto de histórias o uso do vídeo, tendo-se recorrido ao mesmo instrumento, em duas das propostas educativas. Os resultados obtidos parecem evidenciar que esta foi uma estratégia que produziu efeitos positivos no envolvimento das crianças, embora de forma não tão expressiva. Durante a visualização dos vídeos, as crianças distraem-se mais facilmente, fator que pode ser originado pela existência de uma certa monotonia no vídeo, onde existe imagem e som, mas não existe o movimento ou a expressão de quem está a contar a história.

Durante as restantes estratégias, a criança interage com o contador da história, observa as suas expressões e a sua reação no momento, o que transmite à criança uma sensação de realidade, pois está a acontecer naquele momento, pois tal como apresenta Silva (2014, p.44), *através da leitura/audição de uma história, o imaginário da criança enche-se de novos significados que vão surgindo subtilmente durante a narração.*

Relativamente ao uso do livro, em que apenas o conseguimos utilizar numa das propostas educativas, evidenciamos que houve também um grande envolvimento por parte das crianças, pois tal como nos afirma Tavares (2010, p. 23), *o livro é, de facto, um instrumento ideal no processo educativo.* A história era relativamente pequena, no sentido que estaria adequada para aquele grupo, no entanto tinha poucas ilustrações, o que pode ter condicionado a atenção das crianças, pois tal como nos afirma Santos (2009, p.25) *a leitura de imagens é, naturalmente, uma das primeiras manifestações a ser desenvolvida pela criança que está em contato com o livro, esse processo de aproximação do infante e do gênero literário traduz-se em forma de aprendizagem significativa.* No entanto consideramos que as crianças participantes estiveram bastante envolvidas e sobretudo curiosas pela descoberta do conteúdo do livro, uma vez que os

níveis de envolvimento registados centraram-se no nível 5, maioritariamente, apresentando assim um nível de envolvimento alto com uma atividade intensa e prolongada.

É de salientar também a preocupação que o educador deve ter na seleção das histórias a contar, sendo histórias que devem fazer sentido e ter significado para as crianças, uma vez que, segundo Albuquerque (2000), citando Silva (2014):

“ Quando os(as) educadores(as) utilizam apenas o livro como meio de narração da história escolhida, estão a limitar a imaginação e a criatividade das crianças, na medida em que, utilizando o livro, os cenários são descritos bem como o retrato das personagens. Assim, a criança é obrigada a manter-se dentro dos limites das figuras incluídas no texto.” (Silva, 2014, p.35)

Ao longo das propostas educativas implementadas foi nossa preocupação, por um lado, que estas se relacionassem com o quotidiano das crianças e com os projetos que estavam a desenvolver e, por outro, que permitissem trabalhar as aprendizagens das crianças a partir de todas as áreas de conteúdo presentes nas OCEPE, procurando-se, assim, uma integração curricular, pois, como afirma Silva (1999, p. 24), é importante que não se consideram as *diferentes áreas como compartimentos estanques*, (mas que se acentue) *a importância de interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado ambiente educativo*.

É também importante salientar que o pouco tempo disponibilizado para a implementação das atividades, não nos permitiu que fosse feito um conhecimento empírico correto e integrador de todas as estratégias que poderiam ter sido aplicadas nesta investigação. Ressalvamos que o conhecimento teórico deve ser a base de qualquer investigação, no entanto, nem sempre se tornou viável o conhecimento a par com a prática, tornando-se evidente algumas condutas que poderiam ter sido implementadas de modo a melhor sustentar esta investigação.

## Conclusão

Com a realização da presente investigação era objetivo compreender a relação entre a estratégia utilizada no conto de histórias e o nível de envolvimento das crianças participantes no momento da narração. Numa vertente mais ampla, pretendia-se compreender a influência do conto de histórias e do envolvimento das crianças no seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Ao longo da presente investigação, várias foram as pesquisas bibliográficas que tivemos de recorrer de modo a compreender os resultados obtidos nas propostas educativas implementadas. Talvez o grande dilema de uma investigação sobre a prática seja mesmo esse, o de olhar criticamente para o trabalho desenvolvido. Tendo esta premissa como ponto de partida, e centrando-nos no paradigma qualitativo, colocou-se a seguinte questão de investigação: Que estratégias poderão ser mobilizadas no conto de histórias e de que forma estas potenciam o envolvimento das crianças no seu processo de aprendizagem?

Os resultados obtidos revelam que são várias as estratégias que facilitam o envolvimento da criança durante o conto de histórias, sendo as utilizadas na presente investigação o recurso ao PowerPoint, ao vídeo e ao livro durante a narração da história.

A estratégia com maior impacto no envolvimento das crianças participantes foi o uso do PowerPoint, recorrendo às TIC, onde podemos observar e evidenciar que foram nesses momentos que as crianças se mostraram mais entusiasmadas e aparentemente mais envolvidas nas atividades. Consideramos, assim, que o uso das TIC foi importante na investigação, uma vez que influenciou a aprendizagem das crianças na medida em que os entusiasmou para a concretização das propostas educativas, pois tal como nos afirma Pacheco (2013, p.86) as *tecnologias visuais originam uma maior motivação e independência na aprendizagem por parte da criança*.

Quanto à estratégia do livro, as crianças também evidenciaram envolvimento, sendo que a falta de ilustrações deixou-os um pouco desiludidos. No entanto, os resultados foram positivos uma vez que o contato com o livro *permite, em grande medida, fazer uma reflexão sobre o Mundo, pois muitos deles educam para a cidadania, passando valores humanos, sociais, morais ou ecológicos de forma subtil, num discurso literário e com ilustrações artísticas que ajudam simultaneamente a desenvolver a sensibilidade artística* (Martins, 2011, p.20). Sendo que o livro apresentado procurou

abordar algumas destas temáticas, ficou aquém das expectativas relativamente às ilustrações.

Refletindo sobre as estratégias utilizadas, podemos reafirmar algumas ideias construídas através do desenrolar da presente investigação, tais como:

(i) a importância de diversificar as estratégias utilizadas de forma a procurar dar verdadeiras respostas às necessidades e interesses das crianças;

(ii) o facto de algumas estratégias permitirem que o educador não tenha de intervir na narração da mesma, como o caso do uso do vídeo;

(iii) a relevância do envolvimento da criança durante o processo de aprendizagem, sendo que níveis de envolvimento mais elevados influenciam o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança de forma mais significativa.

Ao longo da investigação, foram várias as limitações, a saber:

(i) a falta de experiência da investigadora na aplicação da EEC, que levou às seguintes preocupações: estará a criança de facto envolvida? Será a interpretação feita a mais adequada?

(ii) a falta de tempo, o que levou ao uso pouco diversificado das estratégias utilizadas durante o conto de histórias. É de lembrar que as propostas educativas foram implementadas em contexto de prática pedagógica supervisionada com poucas horas efetivas com o grupo de estágio. No entanto, conseguimos aplicar três métodos de narração de histórias dos quais conseguimos obter diferentes conclusões.

Pudemos concluir que de facto as estratégias que utilizamos no conto de histórias influenciam diretamente o envolvimento da criança sendo por isso factor indispensável ao desenvolvimento do seu processo de aprendizagem.

Em suma, a literatura infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança, uma vez que, tal como nos afirma Coelho (2000, p.22) *a literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (...).*

Deste modo, evidenciamos que a literatura infantil constitui uma das mais importantes aquisições do processo de aprendizagem das crianças, uma vez que é a via de acesso ao conhecimento.

Também Mesquita (1999, p.3) afirma que *a literatura procura pôr perante os olhos da criança alguns fragmentos de vida, do mundo, da sociedade, do ambiente imediato ou longínquo, da realidade exequível ou inalcançável, mediante um sistema de representações,*

*quase sempre com uma chamada à fantasia.* Ou seja, tal como referenciado ao longo da presente investigação, através de uma história a criança torna-se capaz de desenvolver o seu auto conhecimento, sobre si e sobre o mundo que a rodeia, desenvolver a sua imaginação e a sua fantasia assim como responder aos seus medos e anseios, sendo por isso uma ferramenta indispensável ao seu crescimento.

## Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Albuquerque, F. (2000). *A Hora do conto: reflexões sobre a arte de contar histórias na escola*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Barros, L. T. (2011). *A expressão dramática na promoção da interação entre crianças de jardim-de-infância*. Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal.
- Bettelheim, B. (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. (3ª ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Brito, R. (2010). *As TIC em educação pré-escolar portuguesa: Atitudes, Meios e Práticas de Educadores e Crianças*. In A. J. Osório & e M. M. Pinto (orgs), Livro de Actas do I encontro @rcacomum (pp. 3-11). Braga: ArcaComum Associação.
- Carvalho, B. V. (1982). *Literatura Infantil: Visão histórica e crítica*. (2ª Ed.). São Paulo: Ática.
- Cavalcanti, J. (2005). *E foram felizes para sempre? Releitura dos contos de fadas numa abordagem psicocrítica*. Recife: Editora Prazer de Ler.
- Cervera, J. (1992). *Teoria de La Literatura Infantil*. Bilbao: Ediciones Mensajero, Universidad de Deusto.
- Coelho, N. N. (2000). *Literatura Infantil: Teoria, Análise Didática*. São Paulo: Moderna.
- Ferreira, A. F. M. (2013). *Identidade e alteridade: A Literatura infantil como Oportunidade de abordagem aos valores na educação pré-escolar*. Relatório Final de Mestrado, Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, Portugal.
- Fortin, M. F. (2009). *Fundamentos e etapas no processo de investigação*. Porto: Lusididacta
- Gonçalves, V. R. B. (2011). *O conhecimento do meio físico e social como forma de construção do conhecimento em crianças em idade pré-escolar*. Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal.

- Graue, M. E. & WALSH, D. J. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Machado, I. A. (1994). *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione.
- Marques, R. (1999). *Modelos Pedagógicos Atuais*. Lisboa: Plátano
- Martins, I. A. (2012). *As Histórias e os prolongamentos pedagógicos na Educação Pré-Escolar*. Instituto Superior de Ciências Educativas, Odivelas, Portugal.
- Martins, L. M. C. (2011). *A Transversalidade da Literatura Infantil em contexto pré-escolar*. Instituto Politécnico de Portalegre, Portalegre, Portugal.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Mesquita, A. (1999): *A Estética da Recepção na Literatura Infantil*. Série Ensaio, Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Miranda, L. & Morais, C. (2008). *Educação Online: Uma Ampliação da Sala de Aula*. Revista EduSer, (nº3).
- Moderno, A. (1992). *A comunicação audiovisual no processo didático*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Morais, L. M. R. (2011). *A importância que as TIC representam na criação de oportunidades*. Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal.
- Moreira, M. (2001). *A investigação-ação na formação reflexiva do professor-estagiário de inglês*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Oliveira-Formosinho, J., Freire de Andrade, F., & Formosinho J. *O Espaço e o Tempo na Pedagogia em Participação*, Porto Editora.
- Parente, M. C. C. (2004). *A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia da infância: sete jornadas de aprendizagem*. Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Pascal, C., & Bertram, T. (1999). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: Nove Estudos de Caso*. Porto: Porto Editora.
- Piaget, J. (1986). *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Lisboa: D. Quixote.
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI (Org), *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). Lisboa: APM
- Reis, C. e Lopes, A. C. M. (2002). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

- Ressurreição, J. B. (2005). *A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação*. Faculdade Cenecista de Osório. Brasil.
- Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças: como formar leitores ativos e envolvidos*. Porto: Porto Editora
- Rodrigues, A. M. G. (2012). *Flexibilização de projetos curriculares de grupo – um estudo em Jardins-de-infância com crianças com necessidades educativas especiais*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Castelo Branco.
- Rodrigues, M. A. B. F. (2010). *Tradição e modernidade: Os contos tradicionais nos meandros das novas tecnologias*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Santos, C. J. (2009). *A Contribuição da literatura Infantil na formação do pré-leitor no centro municipal de educação infantil Dr. Álvaro da Franca Rocha*. Monografia, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Brasil.
- Sarabia, M. L. (n.d.) *Fotografias contadoras de histórias: um ensaio metodológico*.
- Silva, D. L. S. (2014) *A Dinamização da hora do conto: recursos e estratégias*. Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, Portugal
- Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME-DEB.
- Smith, P., Cowie, H., & Blades, M. (1998). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em educação*. (2ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte
- Tavares, J. C. F. (2010). *A Importância da Literatura Infantil na Educação de Infância*. Trabalho Final de Licenciatura, Universidade de Cabo Verde, Praia, Cabo Verde.
- Tavares, J., & Alarcão, I. (1992) *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Traça, M. E. (1998). *O Fio da Memória – do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Porto Editora.
- Troadeç, B., & Martinot, C. (2009). *O desenvolvimento cognitivo: Teorias atuais do pensamento em contextos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Valpaços, M. M. T. (2012). *Desenvolver uma prática promotora de situações de aprendizagem potenciadoras do envolvimento e motivação das crianças no processo de ensino-aprendizagem*. Instituto Politécnico de Bragança, Bragança, Portugal.

Zilberman, R. (1987). *A literatura infantil na escola*. (6ªEd.). São Paulo: Global.

## Apêndices

## Apêndice A

### Planificação – 1ª Semana

Educadora estagiária: Diana Silva  
Sala:1

Educadora cooperante: xxxx  
Semana de 03/11/14 a 07/11/14

Objetivos	Atividades	Área de conteúdo	Avaliação	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os diferentes momentos da rotina;</li> <li>- Identificar o dia da semana;</li> <li>- Identificar o mês;</li> <li>- Cantar os Bons dias;</li> <li>- Falar num grupo que lhe é familiar;</li> <li>- Preencher os quadros de funcionalidade da sala;</li> <li>- Dialogar em grande grupo;</li> <li>- Expressar sentimentos / opiniões;</li> </ul>	<p style="text-align: center;"><b>Terça - Feira</b></p> <p><b>9h00:</b> Sala de atividades - acolhimento (grande grupo) - Canção dos “Bons dias”</p> <p>- As crianças escolhem uma ou duas músicas para cantarem em grupo.</p> <p>- Marcação das presenças: colocar “o menino na carruagem do dia.</p> <p><b>9h30:</b> Diálogo com as crianças os projetos iniciados no dia anterior. Tentar perceber o que sabem acerca do S. Martinho – motivação para a história que será contada.</p> <p><b>10h00:</b> Lanche da manhã / recreio.</p> <p><b>10h30:</b> Projeto em grupo – conto da história A lenda</p>	<p><b>Formação Pessoal e Social</b></p> <p><b>Expressão e Comunicação</b> - Domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical</p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>- Domínio da matemática</p> <p><b>Conhecimento do Mundo</b></p>	<p>Observação direta</p> <p>Registos fotográficos</p> <p>Registos escritos</p> <p>Operacionalização da planificação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Computador</li> <li>✓ Lenda de S. Martinho</li> <li>✓ Folhas brancas</li> <li>✓ Desenho das personagens principais (anexo 1)</li> <li>✓ Lápis de cor</li> <li>✓ Desenho do cartuxo com o aviso (anexo 2)</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contar, ordenadamente (dia do mês);</li> <li>- Relembrar acontecimentos / ações passados (as);</li> <li>- Identificar as personagens principais;</li> <li>- Desenhar de acordo com o visualizaram;</li> <li>- Pintar de acordo com o desenho;</li> <li>- Identificar a cor das árvores e das folhas.</li> </ul>	<p>de S. Martinho, com o auxílio da história em PowerPoint.</p> <p>Diálogo com os alunos de modo a compreender se a essência da história ficou retida, assim como sobre as personagens e a ocorrência da mesma.</p> <p><b>11h00:</b> Trabalho de Projeto: Grupo de 5 anos: desenhar as personagens principais da lenda de S. Martinho; Grupo de 4/3 anos: Pintura das personagens principais da lenda de S. Martinho.</p> <p><b>11h30:</b> Higiene Pessoal</p> <p><b>11h45:</b> Período de refeição – Almoço</p> <p><b>12h30:</b> Atividade livre – Polivalente ou Exterior</p> <p><b>13h00:</b> Continuação dos trabalhos anteriores. À medida que terminam, vão pintando o cartuxo das castanhas, com o aviso da data da feira de S. Martinho, a realizar no jardim-de-infância, para levarem para casa.</p> <p><b>14h15:</b> Higiene pessoal</p> <p><b>14h30:</b> Lanche da tarde</p> <p><b>15h00:</b> Prolongamento – atividade livre.</p>			
--	--	--	--	--

## Apêndice B

FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – SEMANA 1 – SESSÃO 1

### FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 04/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.R.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 14

Nº. de adultos presentes: 1

(M) Manhã

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h32	X					X			X		X		X
A criança demonstrou grande interesse pela história começando por afirmar: <i>“Eu lembro desta história, é do soldado Martim...”</i> Demonstrou conhecimento sobre a mesma, no entanto continuou envolvido na atividade.													
HORA: 11h05	X					X			X		X		X
Participou na história, dando a conhecer factos que achavam que iriam acontecer na história. Mostrou-se sempre entusiasmado.													
HORA: 11h28	X					X			X		X		X
Na concretização da tarefa demonstrou-se entusiasmado para a realização da mesma.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 04/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.D.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 14

Nº. de adultos presentes: 1

(M) Manhã

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/ Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S	E.M.	E.D	E.P.	E.Mu	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h37		X				X			X		X		X
Mostrou interesse em querer ouvir a história apresentada e estava com atenção.													
HORA: 11h00			X			X			X		X		X
Diminui a sua atenção em relação à primeira observação, no entanto mostrou-se participativo na atividade.													
HORA: 11h20		X				X			X		X		X
Desenvolveu com sucesso a atividade proposta demonstrando-se entusiasmado com a mesma.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 04/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.M.

Sexo: Masculino

Idade: 4

Nº. de crianças presentes: 14

Nº. de adultos presentes: 1

(M) Manhã

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/ Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h47		X				X			X		X		X
Embora inquieto estava com atenção ao conto da lenda.													
HORA: 10h57		X				X			X		X		X
Mostrou-se curioso pelas imagens apresentadas, sendo esse um dos factores que conseguiu captar a sua atenção.													
HORA: 11h15			X			X			X		X		X
Demonstrou compreender quais as personagens principais e qual o seu papel na lenda, compreendendo assim a existência do S. Martinho.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 04/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.F.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 14

Nº. de adultos presentes: 1

Descrição de período de 2 minutos cada	(M) Manhã					Nível de Envolvimento				Áreas de conteúdo/			
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h55			X			X			X		X		X
Estava especialmente irrequieto e agitado, causando alguma instabilidade no grupo. O facto de se recordar de algumas partes da história que já ouvira anteriormente, deixou-o ansioso.													
HORA: 11h11		X				X			X		X		X
No que se refere as imagens conseguiram captar a sua atenção de modo a trazê-lo de novo para a atividade.													
HORA: 11h30			X			X			X		X		X
Revelou saber identificar as personagens existentes, dando grande ênfase ao que realmente observou ao longo da narração, por exemplo: "Ele tinha uma capa vermelha". No entanto não evidenciamos expressões de significação.													

## Apêndice C

### Planificação – 2ª Semana

Educadora estagiária: Diana Silva

Sala:1

Nº de Crianças: 20

Educadora cooperante: xxxx

Semana de 10/11/14 a 14/11/14

**Intencionalidade educativa:** Desenvolver, nas crianças, o imaginário sobre o mundo da fantasia e despertar nelas o interesse pelo tema abordado através do conto de histórias. Elaborar, com as crianças, trabalhos referentes ao tema (Os Castelos), nomeadamente a construção da figura do Rei tridimensional.

Objetivos	Atividades	Área de conteúdo/ Domínio	Avaliação	Recursos
<p>Apresentar atitudes e valores de respeito.</p> <p>Adquirir maior independência.</p> <p>Utilizar os materiais e instrumentos de que dispõem.</p> <p>Interagir entre os pares.</p> <p>Desenvolver a motricidade</p>	<p><b>Quarta- Feira</b></p> <p><b>9h00:</b> Sala de atividades - acolhimento (cada criança vai buscar a sua almofada para se posicionar em circulo para que todos se observem, proporcionando assim mais interações entre todos). É iniciado um diálogo entre educadora estagiária e o grupo dando assim possibilidade a que as crianças interajam e contem as novidades. Este diálogo deverá dar espaço a que as crianças contem sobre a sua experiência do feriado de S. Martinho, uma vez que é uma festividade com algum destaque no concelho.</p> <p>Após esse diálogo, é cantada a música dos “Bons dias”, em que todas as crianças têm uma participação ativa (esta atividade demonstra-se importante para as crianças pois sentem-se parte integrante do grupo). De seguida são escolhidas entre 2 a 3 músicas para cantar, este critério de escolha é definido por mim, tendo em conta que escolho 2/3 crianças para selecionarem a música, de acordo com postura correta (estarem sentados com</p>	<p><b>Formação Pessoal e Social</b></p> <p><b>Expressão e Comunicação</b></p> <p>- Domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical</p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>- Domínio da matemática</p>	<p>Observação direta</p> <p>Registos fotográficos</p> <p>Registos escritos (bloco de notas)</p> <p>Grelha de avaliação</p>	<p><b>Humanos</b></p> <p>✓ Educadora cooperante;</p> <p>✓ Educadora estagiária;</p> <p>✓ Auxiliar da sala</p> <p><b>Materiais</b></p> <p>✓ Livro de Histórias: “100 Histórias de (eu)cantar” de Daniel Marques Ferreira.</p>

<p>global e fina.</p> <p>Identificar os diferentes momentos da rotina.</p> <p>Identificar o dia da semana.</p> <p>Identificar o mês.</p> <p>Expressar sentimentos / opiniões.</p> <p>Relembrar acontecimentos / ações passados (as).</p>	<p>as pernas “à chinês, braços cruzadinhos e boquinha fechadinha”).</p> <p>Posto isto, passar-se-á para o preenchimento do quadro de presenças (a iniciar pela ordem da listagem) e à marcação do dia da semana e do mês do ano.</p> <p><b>10h00:</b> Lanche da manhã / recreio.</p> <p><b>10h30:</b> Trabalho de Projeto – como forma de motivação será contado a história “O Rei “com tudo” “, de forma a relembrar a temática que tem vindo a ser desenvolvida pela educadora sobre os castelos e os reis. Neste sentido, começaremos pela construção do Rei tridimensional.</p> <p><b>Grupo 1</b> – Crianças de 4 e 5 anos - Construção do rei: usaremos o balão já preenchido com pasta de papel (Atividade já feita anteriormente) para a cabeça do rei. Depois para o tronco usaremos um garrafão de água (vazio) de 5L, para as pernas duas garrafas de 1.5L de água (vazias) e para os braços garrafas mais pequenas de 0.50cl e 0.30cl. para que possamos pintar as garrafas devemos cobri-las com fita-cola adesiva de cor amarelo claro.</p> <p><b>Grupo 2</b> – Crianças de 3 anos – como são crianças mais pequenas em que a capacidade de concentração de espera é menor, este grupo estará noutra mesa de trabalho, com atividades individuais como a plasticina ou desenho livre. No entanto, estas crianças também receberão orientação para os seus trabalhos.</p> <p><b>11h30:</b> Higiene Pessoal</p>	<p><b>Conhecimento do Mundo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ 1 Garrafão de água de 5l (vazio)</li> <li>✓ 2 Garrafas de 1.5l de água (vazias)</li> <li>✓ 2 Garrafas de 0.50cl de água (vazias)</li> <li>✓ 2 Garrafas de 0.33cl de água (vazias)</li> <li>✓ Fita-cola adesiva (amarela)</li> <li>✓ Tinta guache – cor de pele</li> <li>✓ Tesouras</li> <li>✓ Pinceis</li> <li>✓ Balão já feito anteriormente para a cabeça</li> </ul>
--	--	-------------------------------------	---

	<p><b>11h45:</b> Período de refeição – Almoço</p> <p><b>12h30:</b> Atividade livre – Polivalente ou Exterior</p> <p><b>13h00:</b> Continuação dos trabalhos anteriores. Atividades Livres.</p> <p><b>14h15:</b> Higiene pessoal</p> <p><b>14h30:</b> Lanche da tarde</p> <p><b>15h00:</b> Prolongamento.</p>			
--	--	--	--	--

## Apêndice D

FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – SEMANA 2 – SESSÃO 2

### FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 12/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.R.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 19

Nº. de adultos presentes: 3

(M) Manhã

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h32	X					X			X		X		X
A criança demonstrou grande curiosidade sobre o conteúdo do livro, e quis descobrir o seu conteúdo.													
HORA: 11h05	X					X			X		X		X
Mostrou-se entusiasmado com o final da história, conseguindo transpor acontecimentos relatados com acontecimentos vividos. Ex.: <i>“é como quando estamos a brincar no recreio e aqui dentro, devemos partilhar com os amigos...”</i>													
HORA: 11h28	X					X			X		X		X
Mostrou-se satisfeito com a história, sendo que conseguiu evidenciar questões de índole moral presentes na história.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 12/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.D.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 19

Nº. de adultos presentes: 3

(M) Manhã

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/ Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S	E.M.	E.D	E.P.	E.Mu	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h37	X					X			X		X		X
Mostrou interesse em querer ouvir a história apresentada. Capacidade de memorização de factos que considerou importantes.													
HORA: 11h00	X					X			X		X		X
O seu grau de atenção manteve-se estável ao longo de toda a narração. Quis folhear o livro e ver as ilustrações.													
HORA: 11h20	X					X			X		X		X
Apresentou interesse pelas propostas apresentadas, assim como evidenciou ter gostado da história.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 12/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.M.

Sexo: Masculino

Idade: 4

Nº. de crianças presentes: 19

Nº. de adultos presentes: 3

(M) Manhã

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/ Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h47	X					X			X		X		X
Estava concentrado na audição da história, mas queria ver e tocar no livro. Apresentou grande inquietude ao longo da narração.													
HORA: 10h57		X				X			X		X		X
Diminui a sua atenção em relação à primeira observação, no entanto mostrou-se participativo na atividade.													
HORA: 11h15	X					X			X		X		X
Mostrou-se participativo e interativo com o diálogo que surgiu posteriormente. Apresentou soluções para o Rei. Ex.: "O Rei devia ter dividido as suas coisas com os pobrezinhos que assim depois eles ajudavam-no quando ele ficou pobre também..."													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 12/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C. F.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 19

Nº. de adultos presentes: 3

(M) Manhã	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/ Domínios							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 10h55		X				X			X		X		X
Estava concentrado na audição da história. Demonstrando alguma curiosidade.													
HORA: 11h11		X				X			X		X		X
Mostrou curiosidade na manipulação do livro e de ver as ilustrações. ficou um pouco desiludido pela ausência de mais ilustrações...													
HORA: 11h30		X				X			X		X		X
Demonstrou grande entusiasmo pelo livro, pedindo que contasse outra história, no entanto não revelou compreender totalmente todas as questões subjacentes à história.													

## Apêndice E

### Planificação – 3ª Semana

Educadora estagiária: Diana Silva

Sala:1

Nº de Crianças: 20

**Intencionalidade educativa:** Intencionalidade educativa: Desenvolver trabalhos que visem estimular as crianças, dando continuidade aos temas que têm vindo a ser tratados, nomeadamente no que se refere à construção do Rei tridimensional. Promover nas crianças o gosto pela audição de histórias e contos tradicionais.

Educadora cooperante: xxxx

Semana de 17/11/14 a 21/11/14

Objetivos	Atividades	Área de conteúdo/ Domínio	Avaliação	Recursos
<p>Apresentar atitudes e valores de respeito.</p> <p>Agir de forma autónoma e independente.</p> <p>Reconhecer os materiais e instrumentos de que dispõem.</p> <p>Integrar-se entre os pares.</p> <p>Evoluir ao nível da motricidade global e fina.</p>	<p><b>Segunda - Feira</b></p> <p><b>9h00:</b> Sala de atividades - acolhimento (cada criança vai buscar a sua almofada para se posicionar em circulo para que todos se observem, proporcionando assim mais interações entre todos). É iniciado um diálogo entre educadora estagiária e o grupo dando assim possibilidade a que as crianças interajam e contem as novidades.</p> <p>Após esse diálogo, é cantada a música dos “Bons dias”, em que todas as crianças têm uma participação ativa (esta atividade demonstra-se importante para as crianças pois sentem-se parte integrante do grupo). De seguida são escolhidas entre 2 a 3 músicas para cantar, em que escolho 2/3 crianças para selecionarem a música, de acordo com postura correta (estarem sentados com as pernas “à chinês, braços cruzadinhos e boquinha fechadinha”).</p> <p>Posto isto, passar-se-á para o preenchimento do quadro de</p>	<p><b>Formação Pessoal e Social</b></p> <p><b>Expressão e Comunicação</b></p> <p>- Domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical</p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>- Domínio da matemática</p> <p><b>Conhecimento do Mundo</b></p>	<p>Observação direta</p> <p>Registos fotográficos</p> <p>Registos escritos (bloco de notas)</p> <p>Grelha de avaliação</p>	<p><b>Humanos</b></p> <p>✓ Educadora cooperante;</p> <p>✓ Educadora estagiária;</p> <p>✓ Auxiliar da sala</p> <p><b>Materiais</b></p> <p>✓ 1 Garrafão de água já pintado</p> <p>✓ 2 Garrafas de 1.5l de água já</p>

<p>Ser criativo</p> <p>Distinguir os diferentes momentos da rotina.</p> <p>Expressar sentimentos / opiniões.</p> <p>Relembrar acontecimentos / ações passados (as).</p> <p>Adquirir noções de lateralidade (esquerda/direita).</p> <p>Estar com atenção durante a audição da história.</p> <p>Identificar momentos importantes da história.</p>	<p>presenças (a iniciar pela ordem da listagem) e à marcação do dia da semana e do mês do ano.</p> <p><b>10h00:</b> Lanche da manhã / recreio.</p> <p><b>10h30: Trabalho de Projeto – Construção do Rei</b>  Diálogo com as crianças de modo a percebermos como se vai proceder à construção do rei (levar o grupo a dar sugestões).  Divisão do grupo em dois pequenos grupos:  <b>Grupo 1 (5 anos)</b> – cortar no garrafão a medida de encaixe das garrafas, encaixando-as posteriormente.  <b>Grupo 2 (3/4 anos)</b> - Desenho das mãos (direita e esquerda) a fim de promover a lateralidade, que serão colocados em cartolina de modo a formar um mobile para a sala. (Este trabalho foi proposto pela educadora que sentiu necessidade de abordar este conteúdo). Deste modo, as crianças assimilam informação que poderá servir para uma ideia futura na construção das mãos do rei.</p> <p><b>11h30:</b> Higiene Pessoal</p> <p><b>11h45:</b> Período de refeição – Almoço</p> <p><b>12h30:</b> Atividade livre – Polivalente ou Exterior</p> <p><b>13h00:</b> Visualização da história da Branca de Neve e os sete anões, em vídeo no computador.</p> <p><b>13h30:</b> Atividade de Inglês com a professora Marisa.</p>			<p>pintadas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ 2 Garrafas de 0.50cl de água já pintadas</li> <li>✓ 2 Garrafas de 0.33cl de água já pintadas</li> <li>✓ Fita-cola adesiva (amarela)</li> <li>✓ Tesouras</li> <li>✓ X- ato</li> <li>✓ Folhas de papel</li> <li>✓ Lápis de carvão</li> <li>✓ Lápis de cor</li> <li>✓ Cartolinas (várias cores)</li> <li>✓ Cola (UHU)</li> <li>✓ Computador com acesso à internet</li> </ul>
---	---	--	--	--

	<p><b>14h15:</b> Higiene pessoal</p> <p><b>14h30:</b> Lanche da tarde</p> <p><b>15h00:</b> Prolongamento.</p>			<p>✓ História da Branca de neve e os sete anões (visualizada diretamente no link: <a href="http://www.youtube">http://www.youtube</a>)</p>
--	---	--	--	--

**Observações:** Por motivos de saúde a Educadora Cooperante não esteve presente alguns dias, pelo que o trabalho desenvolvido sofreu alguns atrasos. Desse modo esta semana será planificada dando continuação aos projetos iniciados e se possível a sua finalização. Neste sentido, e uma vez que está será a minha última semana de prática pedagógica em contexto de jardim-de-infância, tive de adaptar a temática abordada no meu relatório final, sobre as estratégias utilizadas no conto de histórias de modo a influenciar o envolvimento das crianças. Neste sentido, fui introduzindo algumas histórias (recorrendo a diversas estratégias) de forma a poder verificar este envolvimento. Tentei sempre fazer uma interligação com os trabalhos desenvolvidos, no caso da história da branca de neve uma ligação direta com os Castelos.

### **Bibliografia**

Ministério da Educação (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-Escolar* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Ministério da Educação

## Apêndice F

FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – SEMANA 3 – SESSÃO 3

### FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 17/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.R.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h05 A criança demonstrou grande curiosidade sobre a história que ia ouvir.	X					X	X	X	X	X	X	X	X
HORA: 13h15 Identificou pontos comuns, da história com o trabalho desenvolvido na sala de atividades. Ex.: <i>“Nós podemos fazer um castelo como o da história!”</i>		X				X	X	X	X	X	X	X	X
HORA: 13h30 Evidenciou uma atividade intensa com um grande nível de envolvimento pois a criança mostra-se concentrada ao longo da atividade, apresenta criatividade no sentido em que expressa a sua opinião, empenha a sua energia para se abstrair de ruídos exteriores e apresenta persistência na continuação da atividade.	X					X	X	X	X	X	X	X	X

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 17/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.D.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

Descrição de período de 2 minutos cada	(T) Tarde					Nível de Envolvimento				Áreas de conteúdo/ Domínios			
	5	4	3	2	1	F.P.S	E.M.	E.D	E.P.	E.Mu	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h07	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Mostrou interesse em querer ouvir a história apresentada.													
HORA: 13h17	X					X	X	X	X	X	X	X	X
O seu grau de atenção manteve-se estável ao longo de toda a narração. Conseguindo fazer comparações temporais. Ex.: "A branca de neve vivia com a madrasta má, mas depois ficou na casa dos 7 anões..."													
HORA: 13h27	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A criança apresentou-se concentrada, com energia para a atividade, apresentou uma opinião crítica sobre o que viu e as suas expressões faciais revelavam a envolvimento que este detinha na história.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 17/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.M.

Sexo: Masculino

Idade: 4

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h09			X			X	X	X	X	X	X	X	X
Estava concentrado na audição da história, embora um pouco irrequieto por ser um tema do seu conhecimento.													
HORA: 13h19			X			X	X	X	X	X	X	X	X
Denotou-se que atividade, para ele, revelou-se pouco complexa, sem ter de envolver grande conhecimento, livremente.													
HORA: 13h25			X			X	X	X	X	X	X	X	X
Mostrou persistência na continuidade da atividade, uma vez que é uma criança que apresenta grandes dificuldades em concentração total, sendo que vários factores o distraem.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 17/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.F.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h11 Estava centrado na audição da história, no entanto apresenta grandes dificuldades de concentração.			X			X	X	X	X	X	X	X	X
HORA: 13h20 Gostou de ouvir e ver a narração da história, mas o facto de já ser uma história do seu conhecimento fez com que a criança abandona-se a atividade durante alguns períodos de tempo.				X		X	X	X	X	X	X	X	X
HORA: 13h31 O seu nível de envolvimento na atividade refere-se a uma atividade frequentemente interrompida onde facilmente desligava a sua atenção e concentração.				X		X	X	X	X	X	X	X	X

## Apêndice G

### Planificação – 3ª Semana

Educadora estagiária: Diana Silva

Sala:1

Nº de Crianças: 20

Educadora cooperante: xxxx

Semana de 17/11/14 a 21/11/14

**Intencionalidade educativa:** Desenvolver trabalhos que visem estimular as crianças, dando continuidade aos temas que têm vindo a ser tratados, nomeadamente no que se refere à construção do Rei tridimensional. Promover nas crianças o gosto pela audição de histórias e contos tradicionais.

Objetivos	Atividades	Área de conteúdo/ Domínio	Avaliação	Recursos
<p>Apresentar atitudes e valores de respeito.</p> <p>Agir de forma autónoma e independente.</p> <p>Reconhecer os materiais e instrumentos de que dispõem.</p> <p>Integrar-se entre os pares.</p> <p>Desenvolver a motricidade</p>	<p><b>Terça - Feira</b></p> <p><b>9h00:</b> Sala de atividades - acolhimento (cada criança vai buscar a sua almofada para se posicionar em circulo para que todos se observem, proporcionando assim mais interações entre todos). É iniciado um diálogo entre educadora estagiária e o grupo dando assim possibilidade a que as crianças interajam e contem as novidades. Este diálogo deverá dar espaço a que as crianças contem sobre a sua experiência do feriado de S. Martinho, uma vez que é uma festividade com algum destaque no concelho.</p> <p>Após esse diálogo, é cantada a música dos “Bons dias”, em que todas as crianças têm uma participação ativa (esta atividade demonstra-se importante para as crianças pois sentem-se parte integrante do grupo). De seguida são escolhidas entre 2 a 3 músicas para cantar, este critério de escolha é definido por mim, tendo em conta que escolho 2/3 crianças para selecionarem a música, de acordo com postura correta (estarem sentados com as pernas “à chinês, braços cruzadinhos e boquinha fechadinha”).</p>	<p><b>Formação Pessoal e Social</b></p> <p><b>Expressão e Comunicação</b></p> <p>- Domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical</p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>- Domínio da matemática</p>	<p>Observação direta</p> <p>Registos fotográficos</p> <p>Registos escritos (bloco de notas)</p> <p>Grelha de avaliação</p>	<p><b>Humanos</b></p> <p>✓ Educadora cooperante;</p> <p>✓ Educadora estagiária;</p> <p>✓ Auxiliar da sala</p> <p><b>Materiais</b></p> <p>✓ Painel do Outono já iniciado</p> <p>✓ Papel crepom: castanho, roxo, azul, verde, amarelo,</p>

<p>global e fina.</p> <p>Desenvolver a criatividade e a motivação.</p> <p>Conhecer os diferentes momentos da rotina.</p> <p>Expressar sentimentos / opiniões.</p> <p>Relembrar acontecimentos / ações passados (as).</p> <p>Adquirir novos vocábulos.</p> <p>Estar com atenção durante a audição da história.</p> <p>Identificar momentos importantes da história.</p>	<p>Posto isto, passar-se-á para o preenchimento do quadro de presenças (a iniciar pela ordem da listagem) e à marcação do dia da semana e do mês do ano.</p> <p><b>10h00:</b> Lanche da manhã / recreio.</p> <p><b>10h30: Trabalho de Projeto - continuação dos trabalhos já iniciados:</b>  <b>Grupo 1</b> – continuação do painel de Outono. As crianças rasgam o papel crepom castanho em pequenos bocados e amassa-nos de modo a ganhar uma forma enrugada. Depois, a própria criança espalha a cola branca pela árvore e colar os pedacinhos rasgados.  <b>Grupo 2</b> – continuação do trabalho de inglês: preenchimento dos círculos da Emelly com bolinhas de papel crepom da cor determinada (purple, blue, green, yellow, Orange and red).</p> <p><b>11h30:</b> Higiene Pessoal</p> <p><b>11h45:</b> Período de refeição – Almoço</p> <p><b>12h30:</b> Atividade livre – Polivalente ou Exterior</p> <p><b>13h00:</b> Visualização da história do Capuchinho Vermelho, em vídeo no computador.</p>	<p><b>Conhecimento do Mundo</b></p>		<p>laranja e vermelho</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tesoura</li> <li>✓ Cola branca (pelo menos 2 recipientes)</li> <li>✓ Pinceis</li> <li>✓ Desenho da Emelly (fornecido pela professora de inglês)</li> <li>✓ Computador com acesso à internet</li> <li>✓ História da Do Capuchinho vermelho (visualizada diretamente no link: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=Im8ZSvvCnHl">http://www.youtube.com/watch?v=Im8ZSvvCnHl</a>)</li> </ul>
--	--	-------------------------------------	--	--

	<p><b>13h30:</b> Continuação do trabalho da Emelly. E colocação de alguns pacotes de leite no castelo (trabalho que tem vindo a ser desenvolvido mediante os pacotes trazidos pelas crianças. Uma vez que já estão alguns prontos a ser colocados, será despendido algum tempo para a concretização da atividade).</p> <p><b>14h15:</b> Higiene pessoal</p> <p><b>14h30:</b> Lanche da tarde</p> <p><b>15h00:</b> Prolongamento.</p>			
--	--	--	--	--

**Observações:** Mais uma vez introduzi uma nova história, no mesmo formato de modo a poder recolher mais informações acerca do mesmo. Neste caso foi a do Capuchinho Vermelho que transmite uma mensagem muito importante sobre o não falar com desconhecidos nem desobedecer a conselhos que nos dão. Esta mensagem é importante pois relaciona-se com a saída ao exterior para recolher materiais que representem o Outono, em que é importante que o grupo se mantenha alertado.

Esta ida ao exterior será feita quando e se as condições climatéricas assim o permitirem, no caso de se verificar que seja impossível esta solução, acordaremos em grupo uma nova solução.

### **Bibliografia**

Ministério da Educação (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-Escolar* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Ministério da Educação

## Apêndice H

FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – SEMANA 3 – SESSÃO 4

### FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 18/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.F

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h05		X				X	X	X	X	X	X	X	X
A criança demonstrou grande curiosidade sobre a história que ia ouvir, embora já conhecesse a história, revelou-se mais entusiasmado e mais concentrado.													
HORA: 13h15	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Apresentou uma expressão facial de grande entusiasmo e interesse, demonstrando estar a gostar da atividade.													
HORA: 13h30	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Evidenciou uma atividade intensa e prolongada, com um grande nível de envolvimento pois a criança mostra-se concentrada ao longo de toda a atividade.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 18/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.R.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

Descrição de período de 2 minutos cada	(T) Tarde					Nível de Envolvimento				Áreas de conteúdo/ Domínios			
	5	4	3	2	1	F.P.S	E.M.	E.D	E.P.	E.Mu	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h07	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Mostrou interesse em querer ouvir a história apresentada, e curiosidade pelas imagens apresentadas.													
HORA: 13h17	X					X	X	X	X	X	X	X	X
O seu grau de atenção manteve-se estável ao longo de toda a narração.													
HORA: 13h27	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A criança apresentou-se concentrada, com energia para a atividade expôs uma opinião critica sobre o que viu e as suas expressões faciais revelavam a envolvimento que este detinha na história.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 18/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.D.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h09 Revelou bastante curiosidade pelo conteúdo do vídeo, embora conhecesse a história, nunca tinha visto a história.	X					X	X	X	X	X	X	X	X
HORA: 13h19 Apresentou grande concentração na atividade, canalizando as suas energias para a concentração da mesma.	X					X	X	X	X	X	X	X	X
HORA: 13h25 As suas expressões faciais denotavam grande entusiasmo e gosto pela visualização da história.	X					X	X	X	X	X	X	X	X

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 18/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.M.

Sexo: Masculino

Idade: 4

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 2

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h11		X				X	X	X	X	X	X	X	X
Estava concentrado na audição da história, empregando um grande esforço de concentração da sua parte.													
HORA: 13h20		X				X	X	X	X	X	X	X	X
Revelou que já conhecia a história, mas facto de ter a imagem a acompanhar ajudou a que o mesmo se interessasse novamente.													
HORA: 13h31		X				X	X	X	X	X	X	X	X
O seu nível de envolvimento na atividade revela uma atividade contínua com momentos de grande intensidade sendo que criança revelou-se concentrada ao longo da mesma.													

## Apêndice H

**Intencionalidade Educativa:** Consciencializar o grupo que nem todas as crianças têm uma família e um lar. Apelar ao respeito pelo outro e à aceitação das diferenças, com atividades direcionadas a essa consciencialização.

Objetivos	Atividades	Área de conteúdo/ Domínio	Avaliação	Recursos
<p>Apresentar atitudes e valores de respeito.</p> <p>Agir de forma autónoma e independente.</p> <p>Reconhecer os materiais e instrumentos de que dispõem.</p> <p>Integrar-se entre os pares.</p> <p>Desenvolver a motricidade global e fina.</p> <p>Desenvolver a criatividade e a motivação.</p>	<p><b>Quinta - Feira</b></p> <p><b>9h00:</b> Sala de atividades - acolhimento (cada criança vai buscar a sua almofada para se posicionar em círculo para que todos se observem, proporcionando assim mais interações entre todos). É iniciado um diálogo entre educadora estagiária e o grupo dando assim possibilidade a que as crianças interajam e contem as novidades. Este diálogo deverá dar espaço a que as crianças contem sobre a sua experiência do feriado de S. Martinho, uma vez que é uma festividade com algum destaque no concelho.</p> <p>Após esse diálogo, é cantada a música dos “Bons dias”, em que todas as crianças têm uma participação ativa (esta atividade demonstra-se importante para as crianças pois sentem-se parte integrante do grupo). De seguida são escolhidas entre 2 a 3 músicas para cantar, este critério de escolha é definido por mim, tendo em conta que escolho 2/3 crianças para selecionarem a música, de acordo com postura correta (estarem sentados com as pernas “à chinês, braços cruzadinhos e boquinha fechadinha”).</p> <p>Posto isto, passar-se-á para o preenchimento do quadro de presenças (a iniciar pela ordem da listagem) e à marcação do dia da semana e do mês do ano.</p>	<p><b>Formação Pessoal e Social</b></p> <p><b>Expressão e Comunicação</b></p> <p>- Domínio das expressões: motora, dramática, plástica e musical</p> <p>- Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>- Domínio da matemática</p> <p><b>Conhecimento do Mundo</b></p>	<p>Observação direta</p> <p>Registos fotográficos</p> <p>Registos escritos (bloco de notas)</p> <p>Grelha de avaliação</p>	<p><b>Humanos</b></p> <p>✓ Educadora cooperante;</p> <p>✓ Educadora estagiária;</p> <p>✓ Auxiliar da sala</p> <p><b>Materiais</b></p> <p>✓ Computador</p> <p>✓ Vídeo sobre o dia do pijama</p> <p>✓ História da Maria Castanha e do Manuel Castanho em PowerPoint</p> <p>✓ Cartão branco</p>

<p>Conhecer os diferentes momentos da rotina.</p> <p>Expressar sentimentos / opiniões.</p> <p>Relembrar acontecimentos / ações passados (as).</p> <p>Aprofundar diferentes técnicas de trabalho (recortar, pintar, cortar e colar).</p> <p>Adquirir noções importantes como a da família</p>	<p><b>9h30:</b> Lanche da manhã / recreio.</p> <p><b>10h00:</b> Atividade de Educação – física.</p> <p><b>10h45:</b> comemoração do dia do pijama:  <b>Atividade em grande grupo:</b> visualização do vídeo sobre o dia do pijama em instituições.          Dialogo com o grupo de modo a perceberem quais são os sentimentos que estão por detrás da comemoração deste dia (amor, partilha, solidariedade...)</p> <p><b>Grupo 1:</b>          Pintar um coração que será colocado ao peito com uma mensagem sobre a importância do dia do pijama, para andarem durante o dia e levar para casa.</p> <p><b>Grupo 2:</b> Atividades livres.</p> <p>Os elementos dos grupos vão alternando à medida que forem terminando, trocando uns com os outros, permitindo assim que todos participem ativamente.</p> <p><b>11h30:</b> Higiene Pessoal</p> <p><b>11h45:</b> Período de refeição – Almoço</p> <p><b>12h30:</b> Atividade livre – Polivalente ou Exterior</p> <p><b>13h00:</b> Atividade em grande grupo          Conto da história da Maria Castanha e o Manuel Castanho que</p>			<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Fita colorida</li> <li>✓ Mensagem a colar nos corações</li> <li>✓ Papel de cenário</li> <li>✓ Tesouras</li> <li>✓ Lápis de cor</li> <li>✓ Lápis de carvão</li> <li>✓ Cola</li> </ul>
--	---	--	--	---

	<p>procuram abraços.          Dialogo com os dois grupos de forma a perceberem a importância que a família assume, que nem todas as crianças possuem família, levando-as a perceber o porque de se comemorar o dia do pijama.</p> <p>Cada grupo vai para a sua sala, desenvolver a seguinte atividade:          - Desenhar e pintar, em papel de cenário, as ideias mais importantes a reter (Família, casa, amor, carinho...)</p> <p><b>14h15:</b> Higiene pessoal</p> <p><b>14h30:</b> Lanche da tarde</p> <p><b>15h00:</b> Prolongamento.</p>			
--	--	--	--	--

**Observações**

**Bibliografia**

Ministério da Educação (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-Escolar* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

**Sites consultados:**

[http://www.mundosdevida.pt/\\_O\\_que\\_e\\_a\\_missao\\_pijama1](http://www.mundosdevida.pt/_O_que_e_a_missao_pijama1)

[http://www.youtube.com/watch?v=dfHRJz3Cr\\_8](http://www.youtube.com/watch?v=dfHRJz3Cr_8)

## Apêndice I

FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA – SEMANA 3 – SESSÃO 5

### FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 20/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.F.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 3

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h05	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A criança demonstrou grande curiosidade sobre a história que ia ouvir, dando que era algo completamente desconhecido.													
HORA: 13h15	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Ao longo da história apresentou algumas expressões faciais que me permitiam ver o quão envolvido estava na atividade.													
HORA: 13h30	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Evidenciou uma atividade intensa e prolongada demonstrando grande interesse pela audição da história assim como pela atividade que adviria na sua sequência.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 20/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.R.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 3

Descrição de período de 2 minutos cada	(T) Tarde					Nível de Envolvimento				Áreas de conteúdo/ Domínios			
	5	4	3	2	1	F.P.S	E.M.	E.D	E.P.	E.Mu	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h07	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Mostrou interesse em querer ouvir a história apresentada, relatando logo a sua familiaridade. Ex.: "É a história da Maria Castanha..."													
HORA: 13h17	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Esteve envolvido na narração da história à medida que ia percebendo que não era o que pensava ser. Despertou a sua curiosidade assim como todos os indicadores de envolvimento da criança.													
HORA: 13h27	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A criança apresentou-se concentrada, canalizou a sua energia para a atividade, atingiu níveis de complexidade e criatividade, nomeadamente na execução da tarefa proposta, apresentou uma postura e expressão facial agradável assim como a sua persistência em permanecer na mesma atividade durante um longo período de tempo.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 20/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.D.

Sexo: Masculino

Idade: 5

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 3

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/ Domínios

Descrição de período de 2 minutos cada	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h09	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Estava concentrado na audição da história, mostrando-se concentrado para descobrir o desenrolar da história.													
HORA: 13h19	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Apresentou uma atividade intensa e prolongada, onde a sua concentração foi quase sempre a mesma. Revelou compreender muito bem a importância da família – sendo que a própria criança referia que a família também eram os avós													
HORA: 13h25	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A criança participou ativamente nas atividades com grandes momentos de concentração, de complexidade e criatividade assim como a sua persistência em continuar com a atividade até a finalizar.													

## FICHA DE REGISTO DE OBSERVAÇÃO DO ENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Nome do estabelecimento Educativo: Jardim de Infância de Acucanha

Observador: Diana Silva

Data: 20/11/14

Área de necessidades educativas especiais (se apropriado): Não verificado

Nome da criança: C.M.

Sexo: Masculino

Idade: 4

Nº. de crianças presentes: 20

Nº. de adultos presentes: 3

(T) Tarde

Nível de Envolvimento

Áreas de conteúdo/

Descrição de período de 2 minutos cada	Nível de Envolvimento					Áreas de conteúdo/							
	5	4	3	2	1	F.P.S.	E.M.	E.D.	E.P.	E.Mu.	L.A.E	MAT.	C.M.
HORA: 13h11	X					X	X	X	X	X	X	X	X
Estava concentrado na audição da história, e apresentou-se atento durante o período de observação.													
HORA: 13h20	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A sua atividade continuava intensa e prolongada sendo que empregou grande concentração e energia.													
HORA: 13h31	X					X	X	X	X	X	X	X	X
A criança demonstra que atingiu um elevado nível de envolvimento, estando concentrada, energética e sendo persistente na continuação da mesma.													